

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA

Guilherme Carpes Motta

**A DISSOLUÇÃO DA VERDADE DO MUNDO EM SIMULAÇÃO E O RETORNO À
VIDA:**

UMA CRÍTICA AO NIILISMO DE BAUDRILLARD A PARTIR DE MICHEL HENRY.

Santa Maria, RS

2023

Guilherme Carpes Motta

**A DISSOLUÇÃO DA VERDADE DO MUNDO EM SIMULAÇÃO E O RETORNO À
VIDA:**
UMA CRÍTICA AO NILISMO DE BAUDRILLARD A PARTIR DE MICHEL HENRY.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Filosofia.**

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Fabri.

Santa Maria, RS

2023

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Motta, Guilherme

A dissolução da verdade do mundo em simulação e o retorno à Vida: uma crítica ao niilismo de Baudrillard a partir de Michel Henry. / Guilherme Motta.- 2023.
87 p.; 30 cm

Orientador: Marcelo Fabri

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, RS, 2023

1. Fenomenologia 2. Fenomenologia da Vida 3. Simulação
4. Verdade do Mundo 5. Verdade da Vida I. Fabri, Marcelo
II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 18/1728.

Declaro, GUILHERME MOTTA, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Guilherme Carpes Motta

**A DISSOLUÇÃO DA VERDADE DO MUNDO EM SIMULAÇÃO E O RETORNO À
VIDA:**

UMA CRÍTICA AO NIILISMO DE BAUDRILLARD A PARTIR DE MICHEL HENRY.

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Filosofia, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM-RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Filosofia.**

Aprovada em 21 de julho de 2023:

Marcelo Fabri, doutorado em filosofia (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Silvestre Grzibowski, doutorado em filosofia (UFSM)

Edivaldo José Bortoleto, doutorado em comunicação e semiótica (UFES)

Santa Maria, RS

2023

Para minha família de onde floresce o amor que transborda na Vida.

AGRADECIMENTOS

Nesta grande jornada que é a Vida, existem etapas da caminhada que necessitam de agradecimentos, seja pelo auxílio no percurso ou pelo incentivo para dar o primeiro passo. Nesse sentido, a etapa de minha jornada que diz respeito à gestação deste trabalho, teve importantes afetos a serem registrados neste texto de agradecimento.

Primeiramente, porque promessa é dívida, quero deixar registrada a gratidão ao meu amigo Ewerton, que em sua grande sabedoria e profundo senso de encorajamento, disse as palavras que são, literalmente, as responsáveis por esse texto nascer: “O não tu já tem, vai buscar o sim. Quero um projeto pronto em seis dias!” – ao menos essa é a forma como recordo-me das palavras, que não poderiam ter vindo em hora mais exata. Muito obrigado por toda força no início da caminhada.

Minha família é minha âncora, nesse sentido, não teria chegado no ponto que cheguei se não tivesse o suporte, incentivo e orgulho dessas pessoas que são meus maiores torcedores, por isso, meu mais profundo obrigado para minha mãe – Aieza, meu pai – Marcelo, minha irmã – Michelle, minhas avós – Cecília e Mariza e meu esposo – Giliardi. Essa conquista é inteirinha para vocês, pois, se acreditei a todo momento que há sim um sentido a ser resgatado e compreendi que ele só pode se dar na Vida, é porque vocês preenchem minha Vida com o Amor e, apenas, o Amor faz ela valer a pena.

Um muito obrigado ao meu querido mestre Marcelo Fabri, que aceitou embarcar nessa jornada comigo, mesmo com as ideias meio confusas que tinha no início, acreditou sempre no meu trabalho, e mais do que isso, me ensinou novamente a ver Vida e Amor na filosofia, me mostrou como ela, apesar das tentativas de apagamento, continua resistindo a toda simplificação da Vida. Ainda em tempo, um especial agradecimento ao Professor Silvestre, por insistir comigo, apesar de minha teimosia, que não somos sujeitos do mundo, mas da Vida... eu entendi, professor. Finalmente entendi!

Obviamente, meus queridos companheiros de escrita não ficariam de fora: meus cachorros; obrigado por tornar o momento da escrita menos solitário ao estarem sempre ao pé da mesa me observando e pensando: “falta muito pra hora do passeio?”.

Por fim, agradeço imensamente a Cristo, não poderia deixar de escrever este muito obrigado, pois, foi d'Ele o maior ensinamento que proporcionou essas páginas: Somos Filhos da Vida, por isso, sagrados, por isso, cheios de Amor e doadores do mais profundo sentido: a Vida.

Do I have to change my name
Will it get me far
Should I lose some weight
Am I gonna be a star
I tried to be a boy, I tried to be a girl
I tried to be a mess, I tried to be the best
I guess I did it wrong, that's why I wrote this song
This type of modern life, is it for me?
This type of modern life, is it for free?
So, I went into a bar looking for sympathy
A little company, I tried to find a friend
It's more easily said it's always been the same
This type of modern life, is it for me?
This type of modern life, is it for free?
American life
I live the american dream
You are the best thing I've seen
You are not just a dream
I tried to stay ahead, I tried to stay on top
I tried to play the part, but somehow I forgot
Just what I did it for and why I wanted more
This type of modern life, is it for me
This type of modern life, is it for free
Do I have to change my name?
Will it get me far?
Should I lose some weight?
Am I gonna be a star?
(...)
I'm drinking a soy latte
I get a double shot
It goes right through my body
And you know I'm satisfied
I drive my mini cooper
And I'm feeling super-doooper
Yo they tell I'm a trooper
And you know I'm satisfied
I do yoga and pilates
And the room is full of hotties
So I'm checking out the bodies
And you know I'm satisfied
I'm digging on the isotopes
This metaphysic's shit is dope
And if all this can give me hope
You know I'm satisfied
I got a lawyer and a manager
An agent and a chef
Three nannies, an assistant
And a driver and a jet
A trainer and a butler
And a bodyguard or five
A gardener and a stylist
Do you think I'm satisfied
I'd like to express my extreme point of view
I'm not Christian and I'm not a Jew
I'm just living out the American dream
And I just realized that nothing is what it seems¹

¹ MADONNA, 2003.

RESUMO

A DISSOLUÇÃO DA VERDADE DO MUNDO EM SIMULAÇÃO E O RETORNO À VIDA: UMA CRÍTICA AO NIILISMO DE BAUDRILLARD A PARTIR DE MICHEL HENRY.

AUTOR: Guilherme Carpes Motta

ORIENTADOR: Marcelo Fabri

O presente trabalho configura-se em uma análise do que concebemos, a partir de Baudrillard como pós-modernidade, a era da desreferencialização e da perda do sentido, que o filósofo pós-moderno irá chamar de “era da simulação”. Acompanharemos Baudrillard na constatação da pós-modernidade como a era que coroa a morte do sentido, na qual todos os signos tornaram-se independentes e sem qualquer lastro com o real, nem mesmo a ideia de real subsiste nesse novo sistema. Entretanto, diferente do que Baudrillard conclui, não estamos dispostos a abandonar a ideia de sentido e aderir ao niilismo do sentido, pelo contrário, a pesquisa aqui desenvolvida já parte de um profundo comprometimento, tanto epistemológico quanto existencial: há um sentido, ele foi apenas esquecido. Com isso, iremos partir da fenomenologia para reencontrar o sentido esquecido e contrapor-se ao niilismo de Baudrillard. Para tanto, cabe ressaltarmos que, a ideia de fenomenologia aqui defendida ancora-se nas palavras: crise, recusa e renovação, conforme Husserl defende em seus ensaios reunidos pelo título “Europa: crise e renovação”. À vista disso, compreendemos que estamos atravessando, como Husserl estava, um momento de crise do sentido, nos colocando enquanto fenomenólogos na posição de recusa ao abandono da ideia de sentido e buscando, na fenomenologia, portanto, na filosofia, a renovação da ideia de sentido. Acreditamos que Husserl, apesar dos esforços e de constatações muito úteis para a sustentação do sentido, não consegue abarcá-lo completamente, pois acaba, da mesma forma que as demais filosofias de seu tempo e anteriores a ele, por depositar o sentido no Mundo, no externo, na ekstase. Por isso, partindo do movimento iniciado por Husserl, iremos até Michel Henry em sua filosofia e fenomenologia da Vida para buscar, agora sem perder o ponto originário fundamental, uma crítica a ideia de niilismo defendida por Baudrillard e a esperança de superação da era da simulação e resgate do sentido, não mais um sentido simulado como Verdade do Mundo, mas um sentido profundamente enraizado no ponto mais originário e fundamental: a realidade patética da Vida autoafetando a Si mesma e em Si mesma, auto-doando-se, portanto, como sentido absoluto.

Palavras-chave: Sentido. Vida. Fenomenologia. Simulação. Niilismo.

ABSTRACT

THE DISSOLUTION OF THE TRUTH OF THE WORLD IN SIMULATION AND THE RETURN TO LIFE: A CRITIQUE OF BAUDRILLARD'S NIHILISM FROM MICHEL HENRY.

AUTHOR: Guilherme Carpes Motta

ADVISOR: Marcelo Fabri

The present dissertation is an analysis of what we conceive, from Baudrillard as postmodernity, the era of liquidation of all referentials and the loss of meaning, which the postmodern philosopher will call The Precession of Simulacra. We will follow Baudrillard in finding postmodernity as the era that crowns the death of meaning, in which all signs have become independent and without any connection with the real, not even the idea of the real subsist in this new system. However, contrary to what Baudrillard concludes, we are not willing to abandon the idea of meaning and adhere to nihilism of meaning, on the contrary, the research developed here already comes from a deep commitment, both epistemological and and existential: there is a meaning, it was just forgotten. With this, we will start from phenomenology to rediscover the forgotten meaning and oppose Baudrillard's nihilism. Therefore, we should emphasize that the idea of the phenomenology defended here is anchored in the words: crisis, refusal and renewal, as Husserl defends in his essays organized under the title: "Europa: crise e renovação" (*Europe: Crisis and Renewal*). In this light, we understand that we are going through, as Husserl was, a moment of crisis of meaning, placing ourselves as phenomenologists in the position of refusing to abandon the idea of meaning and seeking, in phenomenology, therefore, in philosophy, the renewal of the idea of meaning. We believe that Husserl, despite his efforts and very useful finding to sustain meaning, is unable to fully embrace it, as he ends up, just like the others philosophies of his time and before him, by depositing meaning in the World, externally, in ekstase (*ecstasy*). For that reason, starting from the movement initiated by Husserl, we are going to Michel Henry in his philosophy and phenomenology of Life to seek, now without losing the fundamental original point, a critique of the idea of nihilism defended by Baudrillard and the hope of overcoming The Precession of Simulacra and rescue of meaning, no longer a simulated meaning as the Truth of the World, but a meaning deeply rooted in the most original and fundamental point: the pathetic reality of Life self-affecting itself and in itself, giving itself, therefore, as an absolute meaning.

Keywords: Meaning, Life, Phenomenology, Simulacra, Nihilism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A ERA DA SIMULAÇÃO E A MORTE DO SENTIDO	19
1.1 “Ó DEUS, ONDE ESTÁS QUE NÃO RESPONDES?” DA IMAGEM À PALAVRA: O SIMULACRO DE UM DEUS.....	22
1.2 SEMIOCAPITALISMO: O DINHEIRO E A LINGUAGEM SEM REFERENTES.....	26
1.3 HISTÓRIA, POLÍTICA E CIÊNCIA: TRÊS CADÁVERES INSEPULTOS.....	32
1.3.1 A HISTÓRIA.....	32
1.3.2 A POLÍTICA.....	35
1.3.3 AS CIÊNCIAS.....	37
1.4 AH, O DOCE SABOR DO NIILISMO!.....	40
2 A VERDADE DO MUNDO E SUA DISSOLUÇÃO EM SIMULAÇÃO	43
2.1 O OBJETO SEM O SUJEITO: O APAGAMENTO DO HUMANO DA NOÇÃO DE VERDADE.....	44
2.1.1 O OBJETO INDEPENDENTE, UM SIGNO QUE REFERENCIA A SI MESMO, INTERPRETA A SI MESMO E EXISTE POR SI MESMO.....	45
2.2 “E VÍTIMA DE SI, DESPREZA O QUE NUNCA VAI TER”: O FRACASSO DA AUTONEGAÇÃO DA VIDA.....	48
2.2.1 A VIDA SE ENCARA NO ESPELHO, FACE A FACE COM SUA CONTRADIÇÃO.....	49
2.3 MATRIX: DO MUNDO COMO VERDADE, PARA O MUNDO COMO SISTEMA – A DISSOLUÇÃO DA VERDADE DO MUNDO EM SIMULAÇÃO.....	51
2.4 “NUS SOB O SOL”: A PATÉTICA ILUSÃO DE DESVELAR O INVISÍVEL.....	55
2.5 “MINHA VIDA É UM <i>FLASH</i> DE CONTROLES, BOTÕES ANTI ATÔMICOS”: GRAU-ZERO DO PODER, FIM DA ORGIA – DA BARBÁRIE À SIMULAÇÃO.....	59
3 “E O VERBO SE FEZ CARNE” – ENCARNAÇÃO: O (RE)ENCONTRO COM A VIDA	63
3.1 A ENCRUZILHADA.....	63
3.2 DA VIDA À VIDA.....	65
3.3 O INVISÍVEL, OU A FENOMENOLOGIA DO INVISÍVEL.....	70
3.3.1 A ILUSÃO DO PRIMADO DO MUNDO COMO REFERENTE.....	70
3.3.2 NOS DOMÍNIOS DO INVISÍVEL.....	72
3.4 “TUDO O QUE MOVE É SAGRADO” – SOMOS FILHOS DA VIDA...74	74
3.4.1 “PORQUE ESTIVE NU...” – UM OLHAR PARA A CARNE.....	77
3.5 “ATRÁS DOS MISTÉRIOS QUE SEMPRE BUSCOU”.....	79
CONCLUSÃO OU, SOBRE A INUTILIDADE DESTE TRABALHO	81
REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

“*There is no more hope for meaning*”², o diagnóstico de perda da esperança de manutenção do sentido³ parte de Jean Baudrillard, sua análise profunda dos nossos tempos, que ele chamará de pós-modernidade, está ancorada na tese de que todo o sentido foi substituído por modelos simulados, os signos não mais estão conectados a seus referentes na medida que os mesmos passaram a assumir o papel do real, da referencialidade e tornaram-se simulacros, imagens simuladas de um real que não mais existe, abolindo a distinção entre real e simulado.

A pesquisa aqui desenvolvida parte de tal diagnóstico: a perda do sentido que atravessa os nossos dias. Portanto, colaboramos com a tese de Baudrillard de que estamos vivendo na era da pós-referencialidade, isto é, como ele definiu: a era da simulação. Cientes de tal diagnóstico, contudo cabe uma discordância de Baudrillard: o mesmo via no niilismo a resposta para a era da simulação, nós, entretanto, não defendemos tal conclusão.

No final de seu livro ‘*Simulacra and simulation*’, ele destaca uma guinada rumo ao niilismo do sentido. Ao encerrar sua obra com um capítulo dedicado ao niilismo, ele argumenta como a simulação se apropria até mesmo do niilismo do não-sentido, gerado a partir dela mesma. Partindo dessa constatação, ele propõe o niilismo do sentido como uma possibilidade de evitar a simulação.

Assim sendo, o que Baudrillard faz é destacar o triunfo do niilismo dentro de um sistema que absorve todas as coisas, adaptando-se a elas; até mesmo ao não-sentido que se manifesta mediante a perda do referencial. Ele, então, percebe-se livre para assumir o profundo não-sentido do sistema, defendendo que a verdadeira revolução do século XIX foi a destruição das aparências, o desencantamento com o mundo.

Assumir conscientemente o niilismo seria, na visão de Baudrillard, escapar da sedução do sentido aparente gerada pelo niilismo do não-sentido. Aqui ele não está

² “Não há mais esperança para o sentido” (BAUDRILLARD, 1994, p. 164. Tradução nossa).

³ A ideia de sentido que aqui estamos apontando, se configura no sentido como base de todo o edifício existencial, não um sentido ou outro dentro de um determinado contexto, mas sim, a sustentação de que há, fundamentalmente, um propósito, um alicerce para todas as nossas ideias. Portanto, um sentido que se oponha completamente ao niilismo, tomado aqui, como a ausência dessa base. Não é, portanto, o sentido enquanto verdade absoluta, enquanto racionalidade, enquanto significado, Deus, cultura... mas o sentido como o que permite a consolidação desses pontos anteriores. Quando, a partir de agora, falarmos em sentido, estamos nos referindo ao ponto fundamental de toda manifestação, até mesmo a manifestação do “eu”. Sentido, portanto, aqui, significa Vida (o ponto originário de toda manifestação e significação).

mais falando de um niilismo decorrente da perda do sentido, que nos leva diretamente às imagens, às aparências, à simulação; mas, sim, do niilismo que assume a ausência de sentido, que reconhece o profundo perigo que a ideia de sentido representa.

Não acreditando que essa alternativa de Baudrillard seja satisfatória ao problema levantado e, ainda na esperança de resgate do sentido, buscamos encontrar uma nova resposta para o problema da simulação e as consequências que ela gera em nossas vidas. Para tanto, o caminho escolhido foi o da fenomenologia, e a seguir justificamos a nossa escolha.

Por que a fenomenologia? A questão apresentada é de fundamental importância, para a compreensão das intenções que norteiam a presente pesquisa. Respondê-la nos exige um olhar sobre dois aspectos: que vivemos em um momento histórico de perda ou esvaziamento do sentido; e que há, na gênese da fenomenologia de Husserl, um fundo prático marcado por três palavras: crise, recusa e renovação.

A crítica que Baudrillard realiza é o ponto de partida para a tentativa de estabelecer, na fenomenologia, uma possibilidade teórica de enfrentamento e superação da era da simulação, apontada aqui como a causadora do que estamos compreendendo como a grande crise da nossa época pós-moderna: a perda do sentido, portanto, o niilismo e a simulação.

Mas por que a fenomenologia? – persiste a pergunta. Porque ela é essencialmente uma filosofia de recusa à crise do sentido e apresenta-se como uma possibilidade de renovação do mesmo, ao menos é o que compreendemos nos escritos de Husserl reunidos sob o título: “Europa: crise e renovação”. “Renovação é o grito de chamada geral de nosso doloroso presente.”⁴ É com essa afirmação que Husserl irá abrir o primeiro artigo presente na obra, mas qual a razão apontada por ele para entoar-se tal grito que chamou “renovação”? Cabe aqui deixarmos o próprio Husserl falar:

A guerra, que devastou a Europa desde o ano de 1914 e que, desde 1918, apenas proferiu, em vez dos meios de coalizão militares, os meios “mais refinados” das torturas da alma e das misérias econômicas moralmente depravantes, pôs a descoberto a íntima inverdade, a ausência de sentido desta cultura.⁵

⁴ HUSSERL, 2014, p.3.

⁵ Ibidem.

Tal é o diagnóstico de Husserl sobre a perda do sentido da cultura, contudo não é apenas a cultura que ele constata estar em crise de fundamento, mas as próprias ciências naturais, ao menos é o que irá apontar, partindo de um antinaturalismo, ou seja, na recusa de reduzir o saber humano a uma mera atitude objetivista. Cerbone indica perfeitamente as razões do antinaturalismo de Husserl:

[...] uma rejeição da ideia de que as ciências naturais podem fornecer uma descrição completa e exaustiva da realidade. [...] Melhor dito, a oposição de Husserl ao naturalismo equivale à afirmação de que existem verdades e princípios que as ciências naturais pressupõem, mas que elas próprias não podem explicar; nem toda a verdade é uma verdade científica natural.⁶

Crise da cultura, crise das ciências e crise da filosofia: Husserl está fundamentando sua fenomenologia como resposta às crises que a noção de sentido estava enfrentando, ou seja, a partir de uma necessidade de renovação mediante tais crises. É justamente no movimento de recusa de Husserl, que a fenomenologia configura-se como um ponto de oposição ao niilismo apontado por Baudrillard, enquanto esse ao deparar-se com o esvaziamento do sentido, declara categoricamente a perda da esperança de recuperá-lo, Husserl recusa-se categoricamente em ceder ao niilismo, em deixar-se tomar pela crise, daí o “grito”.

Como homens livres, estamos perante este fato; ele deve determinar-nos do ponto de vista prático.

De acordo com isso, dizemos: *algo novo deve suceder*; deve suceder em nós e através de nós próprios, através de nós enquanto membros da humanidade vivendo neste mundo, dando-lhe forma através de nós e recebendo forma através dele. [...] Devemos promulgar a “decadência do Ocidente” como um *fatum* que se abate sobre nós? Este *fatum* só o é, porém, se olharmos passivamente – se passivamente pudermos olhar. Mas isso não o podem, nem mesmo os que no-lo anunciam.

Somos homens, sujeitos de vontade livre, que engrenam ativamente no seu mundo circundante, que constante e conjuntamente o configuram.⁷

Aqui temos descrita a recusa, não cabe ao ser humano ceder à decadência do sentido, entregar-se ao niilismo e abandonar sua crença na possibilidade ética de renovar sua cultura, seu conhecimento, sua filosofia. Visto que, essa é a atitude perante o mundo assumida na gênese da fenomenologia, sua fundamentação máxima e absoluta: recusar veementemente o abandono do sentido perante sua crise, gritar por renovação, agir para renová-lo. “A crença que nos preenche – que à nossa cultura não é *consentido* dar-se por satisfeita, que ela pode e deve ser reformada através da razão e da vontade humanas.”⁸

⁶ CERBONE, 2019, p. 29.

⁷ HUSSERL, 2014, p. 4.

⁸ Idem, p. 5.

Baudrillard não compactua com o mesmo otimismo de Husserl perante a humanidade e seu poder de contornar a crise do sentido, ao contrário, ele irá destacar que o advento da simulação é justamente o resultado dessa tentativa desesperada de retomar algo que não se pode mais obter. Nesse sentido, Baudrillard não vê na crise uma possibilidade de renovação, mas, sim, o advento de medidas tão desesperadas quanto vãs de superar o que ele chama de vazio:

Anything serves to escape this void, this leukemia of history and of politics, this hemorrhage of values – it is in proportion to this distress that all content can be evoked pell-mell, that all previous history is resurrected in bulk – a controlling idea no longer selects, only nostalgia endlessly accumulates: war, fascismo, the pageantry of the belle époque, or the revolutionary struggles, everything is equivalent and mixed indiscriminately in the same morose and funeral exaltation, in the same retro fascination.⁹

Pode-se defender, através da leitura pessimista de Baudrillard, que a recusa essencial ao movimento fenomenológico de renovação aqui tomado, seria a responsável, não por promover a renovação da cultura, mas, sim, por nos colocar em um círculo nostálgico sem fim de acumulação de falsos valores, sentidos simulados através de atos extremos: guerra, fascismo, dentre outros. Nunca uma nova chance para o sentido se restabelecer, afinal, para ele “não há mais esperança”, apenas atos desesperados mediante o desvelamento do “*The desert of the real itself*.”¹⁰

Mas qual a diferença? O que pesou em ambos os pontos de vista? Como saímos de uma busca inabalável por renovação e caímos em um “nihilismo pusilânime” para usar termos do próprio Husserl? Que se pesem aqui os fatos:

Husserl não viu o holocausto, os horrores dos campos de concentração, a barbárie e a absoluta ausência de todo o sentido, ele não viu até onde o ódio pode ir e, por isso, não presenciou a total perda da fé na racionalidade e em uma humanidade guiada por valores éticos universais.¹¹

Ainda é válido destacar, que o fundador da fenomenologia também não presenciou o advento do capitalismo neoliberal abarcar toda nossa sociedade, e nem a crise do real promovida pela aceleração da midiatização da sociedade.

⁹ “Qualquer coisa serve para escapar deste vazio, desta leucemia da história e da política, desta hemorragia de valores – é na proporção dessa angústia que todo conteúdo pode ser evocado desordenadamente, que toda a história anterior é ressuscitada em massa – uma ideia controladora não mais seleciona, só acumula uma nostalgia sem fim: a guerra, o fascismo, a pompa da belle époque, ou as lutas revolucionárias, tudo se equivale e se mistura indiscriminadamente na mesma exaltação taciturna e fúnebre, no mesmo fascínio retrô.” (BAUDRILLARD, 1994, p. 44. Tradução nossa).

¹⁰ “O deserto do próprio real” (Idem, p. 1. Tradução nossa)

¹¹ MOTTA, 2023, p. 07

Porém, cabe um contraponto: “ele viu o caminho para tudo isso sendo traçado, presenciou a iminente derrocada do sentido e a crise enfrentada pela humanidade, mais especificamente pela humanidade europeia.”¹² Ou seja, “mesmo sem ter visto os horrores do holocausto, ele já vivenciava tempos dolorosos e que clamavam por uma renovação da cultura”¹³, daí seus artigos defendendo tal renovação.

“Em seus escritos sobre cultura e ética o fenomenólogo já assumia a implicante tarefa da filosofia, mais precisamente da fenomenologia, como uma tarefa de renovação, uma atitude perante o mundo que se desvela, que se rememora, uma radical recusa à perda de sentido que assombrava seu tempo.”¹⁴ Há uma crença, uma inquestionável fé presente nesses escritos, um senso de humanidade pautado por uma latente recusa em seu rebaixamento. “Uma crença que remete à liberdade inquietante de buscar uma plenitude”¹⁵, ele destaca:

Todavia, esta descoberta significa precisamente a obstrução da sua força impulsionadora mais própria. Uma nação, uma humanidade vive e cria na plenitude das forças quando é transportada por uma crença impulsionadora em si mesma e em um sentido belo e bom de sua vida de cultura; quando, por conseguinte, não simplesmente vive, mas antes vive ao encontro de uma grandeza que tem diante dos olhos e encontra satisfação no seu sucesso progressivo, pela realização de valores autênticos cada vez mais elevados.¹⁶

“De onde vem essa crença, qual a fonte de tamanho crédito atribuído à humanidade diante do cenário de ausência de todo o sentido, de destruição dos valores que edificaram toda uma cultura? Caberia aqui, sem maiores questionamentos, uma posição profundamente niilista frente ao futuro que se apresentava”¹⁷, tal qual Baudrillard chegou. A resposta está na saída da atitude natural perante o mundo, assumindo uma atitude fenomenológica mediante a realidade, em resumo, para Husserl, a superação da crise do sentido estaria justamente no desenvolvimento da fenomenologia, no “retorno às coisas mesmas”. Cerbone destaca muito bem o projeto Husserliano:

Como a experiência chega a ser *de* ou *sobre* objetos? Questões do tipo “como é possível” são questões transcendentais, e Husserl pensa que tais questões estão para além do escopo das ciências naturais. Isso ocorre porque as ciências naturais, não importando o quão sofisticadas, ainda

¹² Ibidem

¹³ Ibidem.

¹⁴ Ibidem

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ HUSSERL, 2014, p. 03.

¹⁷ MOTTA, 2023, p. 08.

operam dentro do que Husserl chama de “atitude natural”: nossa postura ordinária com respeito ao mundo que assume ou pressupõe a realidade dos objetos. [...] De acordo com Husserl, as ciências naturais e, de um modo geral, a atitude natural, são “ingênuas” [...] indica que existem questões que estão, em princípio, para além de seu alcance.¹⁸

Contudo, a fenomenologia de Husserl inscreve-se apenas como um ponto inicial de nossa busca, porque ao realizarmos uma análise mais aprofundada da mesma, a partir das críticas exercidas por Michel Henry, observamos a argumentação Henryana de que a fenomenologia, assim como boa parte da filosofia ocidental, cai em uma aporia sobre a qual não consegue obter uma solução satisfatória, pois de acordo com Henry, ela não conseguiria deslocar-se da Verdade do Mundo rumo ao que ele irá denominar de Verdade da Vida.

Deste modo, corroborando o argumento de Henry, que mesmo tendo originado-se da tentativa de resposta ao não sentido, a fenomenologia ainda estava refém do mesmo, colaborando indiretamente com a crise que tentava combater e fornecendo munição para a tese do advento da simulação.

Deste modo, o presente trabalho surge na esteira da fenomenologia, de uma recusa a aderir ao niilismo do sentido de Baudrillard, pois compreende-se que a fenomenologia é essencialmente um movimento oriundo dessa recusa. Contudo, corroborando com seu diagnóstico da precessão do simulacro e da instauração da era da simulação, o que ao nosso ver conecta-se com a instauração da barbárie denunciada por Michel Henry. Dessa forma, assumimos a simulação como fruto da era da barbárie.

Sendo assim, por meio da fenomenologia, porém provocando uma inversão da mesma, ao percebermos a problemática da proposta inicial de Husserl, iremos em um próximo momento até o pensamento de Michel Henry¹⁹ que, realizando tal inversão, irá apontar o esquecimento da Vida originária, tanto pela tradição filosófico-fenomenológica, quanto pela tradição positivista que a ciência moderna irá

¹⁸ CERBONE, 2019, p. 34.

¹⁹ Caberia aqui ressaltar, escolhemos iniciar este trabalho destacando Husserl, pois, de forma nenhuma acreditamos em uma ruptura da filosofia Henryana com a filosofia Husserliana, Henry e sua fenomenologia, assim como todo o posterior desenvolvimento da fenomenologia é uma extensão do trabalho de Husserl, ao menos assim o compreendemos. Portanto, para além de uma ruptura, concebemos a crítica de Henry como um aprofundamento fenomenológico, e registramos, em suas palavras: “Foi Husserl que introduziu esta distinção essencial sobre a qual vai repousar toda a fenomenologia” (HENRY, 2014, p. 40).

assumir. Ao realizar esse diagnóstico, ele vai argumentar que a Verdade da Vida foi negada e que assumimos a Verdade do Mundo.

O movimento de negação da Vida e afirmação do mundo foi o ponto de ruptura, para que a barbárie fosse instaurada, estabelecendo o paradoxo de nosso tempo, no qual ele irá diagnosticar “um desenvolvimento sem precedentes do saber, caminhando lado a lado com o desmoronamento da cultura.”²⁰

Com isso, será defendido o advento da simulação como resultado direto do deslocamento do sentido para o mundo, o que estabelecerá a Verdade do Mundo e a dissolução da mesma em meio à crise de sentido que a própria instaura, percebida justamente na denúncia que Henry faz da aporia presente no método fenomenológico. Ao realizarmos esse diagnóstico e nos depararmos com a proposta de Baudrillard do niilismo, buscaremos não o assumir como única alternativa viável. Tal exercício nos conduzirá para uma compreensão do que Michel Henry entende como Verdade da Vida e Vida Encarnada, na tentativa de estabelecer nelas a possibilidade de retorno ao sentido originário, assim sendo, uma saída da simulação que não passe por simplesmente assumir um niilismo frente ao mundo.

A tese aqui defendida está formulada na hipótese de que: o aparecer do mundo dissolve-se em simulação ao esquecer o fundamento do sentido na Vida e fundando o mesmo no mundo. Tal fundamentação do sentido no mundo leva-nos à barbárie, por conseguinte, como alternativa a essa, instaura a simulação. O sentido precisa ser redescoberto na Vida, para que escapemos da barbárie, do niilismo e da simulação.

Diante da hipótese levantada, seguiremos um caminho de três partes em sua defesa: primeiramente buscaremos compreender a era da simulação e a resposta de Baudrillard para a mesma; em um segundo momento, tentaremos compreender o que Michel Henry conceitua como Verdade do Mundo e como ela acaba dissolvendo-se em simulação; finalmente, em um terceiro momento, nossa argumentação irá centralizar-se na conceitualização da Verdade da Vida e como ela pode configurar-se em uma saída da era da simulação, restabelecendo por meio do retorno à carne, portanto, à Vida a possibilidade do sentido.

²⁰ HENRY, 2012, p. 13.

1 A ERA DA SIMULAÇÃO E A MORTE DO SENTIDO.

Go ask Alice
I think she'll know
When logic and proportion
Have fallen sloppy dead
And the White Knight is talking backwards
And the Red Queen's off with her head
Remember what the dormouse said
Feed your head.²¹

O que é real? Como distinguir o real do simulado? Qual é a garantia que temos da verdade? Durante toda a história da filosofia ocidental tais perguntas fizeram-se presentes, desde Platão conseguimos resgatar teorias que nos possibilitaram certo conhecimento sobre a realidade.

Nos anos setenta, momento em que o neoliberalismo começava a surgir como corrente econômica atrelada ao capitalismo financeirizado, Jean Baudrillard escrevia a respeito de estarmos imersos em uma simulação do real. Nossas vidas, em sua totalidade, configuraram-se na tentativa desesperada de, na ausência de qualquer possibilidade de resgate do sentido, simulá-lo em modelos gerados a partir de modelos. Assim como o dinheiro, desatrelado do ouro a partir da decisão de Nixon, passava a gerar dinheiro a partir de dinheiro e o valor se desatrelava do trabalho, todas as esferas da nossa vida ingressaram nessa mesma desreferencialização que culminaria na pós-modernidade.

Para começarmos a compreender o advento da simulação e a perda do real, cabe nas palavras de Baudrillard, definir o que ele está conceituando como simulação: *"It is no longer a question of imitation, nor duplication, nor even a parody. It is a question of substituting the signs of the real for the real."*²² há aqui uma transformação completa do que Platão²³, por exemplo, compreendia por cópia, imitação, mimese; daquilo que a filosofia ocidental distinguiu entre verdade e falsidade (que pese aqui as múltiplas visões sobre a questão). O que Baudrillard

²¹ "Vá perguntar a Alice
Acho que ela vai saber
Quando a lógica e a proporção
Caíram mortas desleixadas
E o Cavaleiro Branco está falando ao contrário
E a Rainha Vermelha está sem cabeça
Lembre-se do que a ratazana disse
Alimente sua cabeça" (GRACE, 1967. Tradução nossa).

²² "Não se trata mais de imitação, nem de duplicação, nem mesmo de paródia. Trata-se de substituir os signos do real pelo real." (BAUDRILLARD, 1994, p. 2. Tradução nossa.)

²³ Cf.: PLATÃO, 2014, livro 7.

está afirmando é a total aniquilação de qualquer possibilidade de distinguir realidade de simulação, o fim da ideia de verdade, de referencialidade.

To dissimulate is to pretend not to have what one has. To simulate is to feign to have what one doesn't have. One implies a presence, the other an absence. [...] Therefore, pretending, or dissimulating, leaves the principle of reality intact: the difference is always clear, it is simply masked, whereas simulation threatens the difference between the "true" and the "false", the "real" and the "imaginary" [...] the interrogation posed by simulation – the knowledge that truth, reference, objective cause have ceased to exist.²⁴

Essa radicalização imposta por Baudrillard, sobre as ruínas da referencialidade, está sinalizando uma mudança completa de paradigma, um desafio para toda a tradição filosófica construída sobre o "firme" pilar da racionalidade, pela constante tentativa de fornecer fundamentos para o conhecimento, incluindo aqui a própria fenomenologia, que no final das contas pretende-se "apresentar uma possibilidade concreta da ideia cartesiana de uma filosofia como ciência universal por fundamentação absoluta."²⁵

Não é apenas o aniquilamento da ideia de verdade que a simulação promove, ela também dissolve a noção de falsidade. Se não há mais real, apenas simulação, então a própria noção de falsidade é substituída por um "*gigantic simulacrum – not Unreal, but a simulacrum, (...) in an uninterrupted circuit without reference or circumference.*"²⁶. O simulacro não comporta nem sequer a ideia de representação, pois esta ainda necessita do princípio da realidade intacto, vai dizer Baudrillard.

A relação sujeito/objeto de conhecimento, tão cara à tradição, não se sustenta mais diante do reino da simulação, o objeto se faz cada vez mais distante, até que sua presença não é mais requerida, tudo o que há é o seu modelo, seu simulacro: "*In any case, the logical Evolution of a Science is to distance itself increasingly from this object, until it dispenses with it entirely*"²⁷. Essa crítica de Baudrillard, Husserl já levantava ao propor a fenomenologia, como é possível ver nas palavras de Zahavi:

²⁴ "Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. Um implica uma presença, o outro uma ausência. [...] Portanto, fingir, ou dissimular, deixa intacto o princípio da realidade: a diferença é sempre clara, é simplesmente mascarada, enquanto a simulação ameaça a diferença entre o "verdadeiro" e o "falso", o "real". e o "imaginário" [...] a interrogação colocada pela simulação – o conhecimento de que a verdade, a referência, a causa objetiva deixaram de existir." (BAUDRILLARD, 1994, p. 3. Tradução nossa).

²⁵ HUSSERL, 2019, p. 163.

²⁶ "gigantesco simulacro – não irreal, mas um simulacro, (...) num circuito ininterrupto sem referência nem circunferência" (BAUDRILLARD, 1994, p. 6. Tradução nossa).

²⁷ "Em todo caso, a evolução lógica de uma Ciência é distanciar-se cada vez mais desse objeto, até dispensá-lo inteiramente." (Idem, p. 7/8. Tradução nossa).

Fenomenólogos acentuaram inteiramente o significado da perspectiva de primeira pessoa. Com isso, a fenomenologia entra em uma oposição ao assim chamado objetivismo, que está em geral empenhado em eliminar o sujeito humano da ciência.²⁸

Essa é uma das mais fortes críticas da fenomenologia para com uma prática filosófico/científica que tenta apartar a subjetividade humana do fazer científico e teórico, todavia na esteira da radicalização de Baudrillard, nem sequer a fenomenologia, ao propor um retorno às coisas mesmas para superar tal atitude objetivante, seria capaz de superar o princípio da simulação, pois como é possível ver, a própria fenomenologia pressupõe um princípio de realidade que fundamentaria o fazer científico, um princípio pautado na referencialidade do mundo e do ego para o qual esse aparece. Husserl aponta a *epoché* como sendo este caminho para recuperar a referencialidade e a fundamentação: “É preciso, antes, perder o mundo mediante a *epoché* para ganhá-lo de novo em ‘autorreflexão’ universal”²⁹.

No perder o mundo, que aqui significa uma suspensão de todos os juízos, um “colocar entre parênteses”, chega-se necessariamente no Ego puro: “A *epoché* é o método radical e universal por meio do qual eu me capto puramente como Eu e com a vida de consciência pura que me é própria, na qual e por meio da qual todo o mundo objetivo é para mim.”³⁰.

Além disso, para recuperar tal referencialidade, deve-se supor, evidentemente, que a mesma ainda é passível de recuperação, é preciso sustentar a ideia de que há algo para o qual retornar, uma esperança para o sentido, um princípio intacto de realidade. A grande questão a respeito da ideia de simulação é justamente a constatação de que “*There is no more hope for meaning.*”³¹, isto é, tudo o que nos resta é o “*desert of the real itself*”³².

Para fundamentar sua tese, Baudrillard vai descrevendo a própria dissolução do real em simulação, a precessão do simulacro diante do princípio de realidade, caminhando inevitavelmente para o aniquilamento de todos os referenciais que o pensamento construiu ao longo dos séculos de história da filosofia e das ciências.

That is, we are in a logic of simulation, which no longer has anything to do with a logic of facts and an order of reason. Simulation is characterized by a

²⁸ ZAHAVI, 2019, p. 16.

²⁹ HUSSERL, 2019, p. 167.

³⁰ Idem, p. 49.

³¹ “Não há mais esperança para o sentido” (BAUDRILLARD, 1994, p.164. Tradução nossa).

³² “deserto do próprio real” (Idem, p. 1. Tradução nossa).

precession of the model, of all the models based on the merest fact – the models come first.³³

Quando não resta mais qualquer fundamentação para a verdade, “tudo pode ser simultaneamente verdadeiro”, não existem mais fatos que garantam a verdade proferida, os fatos são apenas possibilidades de construção narrativa a partir de modelos simulados. Qualquer fato pode sustentar qualquer narrativa dependendo de quem narra, para quem narra, quando e onde narra. Para compreendermos melhor esse movimento, cabe resgatarmos o simulacro de Deus, oriundo principalmente do movimento barroco, afinal: “*if God himself can be simulated, that is to say can be reduced to signs that constitute faith? Then the whole system becomes weightless, it is no longer itself anything but a gigantic simulacrum.*”³⁴

1.1 “Ó DEUS, ONDE ESTÁS QUE NÃO RESPONDES?”³⁵ DA IMAGEM À PALAVRA: O SIMULACRO DE UM DEUS.

“Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!”³⁶ Nietzsche anunciou a morte de Deus, mais do que isso, nos revelou responsáveis pelo seu assassinato. Mas a questão que fica é: o que significa a morte de Deus? E se de fato o matamos, por que nos tornamos os assassinos Dele? Diante de tais questionamentos, cabe uma observação:

A ‘morte de Deus’ simboliza a perda de referência, a falta de sentido de tudo o que sirva de sustentação à verdadeira vida. Segundo Nietzsche, por meio da destruição dos valores que deveriam prevalecer, constata-se o fracasso do homem, que se deixou levar pelo vazio de sentido dos valores instituídos, que nada mais podem significar a não ser a própria nulidade da vida.³⁷

Conforme destaca Monteiro, a morte de Deus seria esse marco do esvaziamento do sentido, entretanto, Baudrillard irá apontar para um cenário diferente, ele não denuncia a morte de Deus, mas algo ainda pior, Deus metamorfoseado em um simulacro, a simulação do transcendente gerada a partir de signos vazios, a desreferencialização de Deus.

the visible machinery of icons substituted for the pure and intelligible Idea of God? This is precisely what was feared by iconoclasts, whose millennial

³³ “Ou seja, estamos numa lógica de simulação, que já não tem nada a ver com uma lógica dos fatos e com uma ordem da razão. A simulação é caracterizada por uma precessão do modelo, de todos os modelos baseados no mais mero fato – os modelos vêm primeiro.” (Idem, p. 16. Tradução nossa).

³⁴ “se o próprio Deus pode ser simulado, isto é, pode ser reduzido a signos que constituem a fé? Então todo o sistema se torna leve, ele não é mais do que um gigantesco simulacro.” (Idem, p. 6. Tradução nossa).

³⁵ OS TRIBALISTAS, 2017.

³⁶ NIETZSCHE, 2012, p. 138.

³⁷ MONTEIRO, 2015, p. 46/47.

quarrel is still with us today. This is precisely because they predicted this omnipotence of simulacra, the faculty simulacra have of effacing God from the conscience of man, and destructive, annihilating truth that they allow appear - that deep down God never existed, that only the simulacrum ever existed, even that God himself was never anything but his own simulacrum.³⁸

A transformação de Deus em simulacro, por meio da difusão de imagens divinas, configurou-se em um ponto crucial para a desreferencialização que se desenvolveu em nossos tempos. Afinal, Deus estava sendo reproduzido em imagem, o Todo Poderoso Criador, referencial máximo da verdade, substituído pela sua imagem, mais acessível que a ideia metafísica e abstrata. Baudrillard está denunciando *“the murderous power of images, murderers of the real, murderers of their own model”*³⁹, quando a imagem passa a ser o referencial, temos a substituição do referente pelo seu modelo, imediatamente modelos passam a referenciar modelos, simulando de forma cada vez mais real a realidade que não mais existe, que se tornou opaca mediante a hiper-realidade da simulação e, assim, a imagem toma o lugar daquilo que ela deveria apenas representar, *“in an uninterrupted circuit without reference or circumference.”*⁴⁰

No lugar do frio e distante Deus metafísico, seja o primeiro motor imóvel aristotélico, seja a ideia abstrata dos Judeus; o Cristianismo, principalmente a partir do movimento barroco, apresenta um Deus acessível, próximo, visível aos olhos e disponível ao toque. – Deus! Em seu magnífico esplendor encontra-se agora diante de mim. São visíveis as suas chagas, seu sangue correndo sobre o corpo nu, sua expressão de sofrimento diante de mim, sofrimento esse que pagou os meus pecados e garantiu-me vida eterna. – Um Deus imagem, uma imagem Divina. Não é muito difícil se prever o movimento de substituição do referencial abstrato e metafísico, pelo referencial iconoclástico diante de nossos olhos.

Franco Berardi irá traçar um paralelo muito interessante entre o advento das imagens sagradas pelo barroco de um lado e o apagamento de todas as imagens e devoção a pura letra da palavra dos puritanos de outro, demonstrando como ambos

³⁸ “a maquinaria visível dos ícones substituiu a pura e inteligível ideia de Deus? Isso é precisamente o que temiam os iconoclastas, cuja querela milenar ainda hoje nos acompanha. Isso porque eles previram essa onipotência dos simulacros, a faculdade que os simulacros têm de apagar Deus da consciência do homem, e a verdade destrutiva e aniquiladora que eles deixam aparecer - que no fundo Deus nunca existiu, que só o simulacro já existiu, mesmo que o próprio Deus nunca foi outra coisa senão o seu próprio simulacro.” (BAUDRILLARD, 1994, p. 4. Tradução nossa).

³⁹ “o poder assassino das imagens, assassinos do real, assassinos de seu próprio modelo” (Idem, p. 5. Tradução nossa).

⁴⁰ “num circuito ininterrupto sem referência nem circunferência.” (Idem, p. 6. Tradução nossa).

foram processos que culminaram no advento da simulação e no apagamento da referência. *“La sensibilidad barroca abrió la puerta de la ontología de la proliferación infinita y, por lo tanto, la experiencia de la modernidad.”*⁴¹ O que Berardi está fazendo é traçar o caminho que nos conduziu à disseminação de modelos sem referentes e ele encontra o fio condutor, justamente no movimento barroco, tal qual Baudrillard havia apontado.

La diseminación de copias y reproducciones, combinada con la propagación de la perspectiva en la pintura, preparó el terreno para la simulación de mundos imaginarios que invadirían todos los ámbitos de la experiencia cotidiana y la cultura social.⁴²

Se por um lado a disseminação de imagens, através do catolicismo barroco, contribuiu para a transfiguração de Deus em um simulacro e, portanto, para a sua desreferencialização, também o puritanismo protestante, que buscou se consolidar no “novo mundo”, a América, teve sua parcela de responsabilidade no movimento de desreferencialização. Há razões para Baudrillard considerar a América o centro da hiper-realidade e da era da simulação, conforme podemos observar:

America is neither dream nor reality. It is a hyperreality. It is a hyperreality because it is a utopia which has behaved from the very beginning as though it were already achieved. Everything here is real and pragmatic, and yet it is all the stuff of dreams too.⁴³

Um fato importante a ser ressaltado aqui: a herança puritana como forte contribuinte do chamado pragmatismo americano, que por sua vez irá ser decisivo na desreferencialização da linguagem, que abriu margem para o advento da simulação. A esse respeito, Berardi nos fornece uma excelente análise sobre o papel do puritanismo, que na tentativa de eliminar todos os ecos do catolicismo e da cultura europeia remanescente, buscando a construção de uma sociedade completamente nova e livre, logo acabou por “limpar” do conceito de Deus os ruídos imperfeitos das imagens e da imaginação, ligando-o diretamente a pura letra do texto, à sagrada e literal Palavra divina.

⁴¹ “A sensibilidade barroca abriu as portas para a ontologia da proliferação infinita e, portanto, para a experiência da modernidade.” (BERARDI, 2020b, p. 131. Tradução nossa).

⁴² “A disseminação de cópias e reproduções, aliada à difusão da perspectiva na pintura, abriu caminho para a simulação de mundos imaginários que invadiram todas as esferas da experiência cotidiana e da cultura social.” (Idem, p. 131. Tradução nossa).

⁴³ “A América não é um sonho nem uma realidade. É uma hiper-realidade. É uma hiper-realidade porque é uma utopia que se comportou desde o início como se já tivesse sido realizada. Tudo aqui é real e pragmático e, no entanto, também é matéria de sonhos.” (BAUDRILLARD, 1988, p. 28. Tradução nossa).

Um Deus sem ruídos ou imperfeições humanas, um Deus tornado linguagem e que, por fim, abriria o caminho para o reinado da linguagem como fonte da verdade que, uma vez desreferencializada, daria margens para que a verdade não mais tivesse um correspondente.

Mientras que la mente barroca estaba obsesionada con la percepción de la infinita apertura de la creación divina y la conseguinte fantasmagoría o pluralidad de mundos posibles, la imaginación protestante (recelosa del lenguaje engañoso de las imágenes), en cambio, confió esencialmente en la severidad de la semiosis verbal. La visión gótica de la burguesía protestante yacía en la perfección de un Dios tecnológico que hablaba un lenguaje que no era ambiguo: el lenguaje de los hechos, la precisión mecánica, la equivalencia y la medición.

(...)

La pureza de los puritanos era, sobretodo, el efecto de la eliminación del pasado y la memoria histórica y religiosa. Esta eliminación creó espacios llanos de un futuro sin límites que debía ser escrito en código puramente técnico.⁴⁴

Um Deus desreferencializado, primeiramente simulado em imagens: modelos que tomaram seu lugar referencial para, posteriormente em uma tentativa de eliminar a ambiguidade das imagens, de tornar Deus novamente fonte de uma única verdade, ser simplificado a pura letra do texto: um Deus perfeitamente traduzível em códigos binários, um Deus limpo de ruídos, limpo de hermenêutica. O império da linguagem instaura-se, porém ainda era uma linguagem imperfeita, afinal havia nela ruídos humanos que não se traduziam em códigos binários (metáforas, ambiguidades, poesia, hermenêutica, história, política...).

Uma vez tendo simulado Deus em imagem e depois o transfigurado em linguagem, caberia o próximo passo, eliminar os ruídos da linguagem e torná-la a fonte referencial perfeitamente racional. Tal movimento liberaria a linguagem dos ruídos humanos, tornando-a o equivalente universal perfeito para o advento da tecnologia, que por sua vez liberaria um outro equivalente universal, o dinheiro, de seu respectivo referente, iniciando assim a era do semiocapitalismo ou do capitalismo financeiro: o reinado absoluto da simulação.

⁴⁴ “Enquanto a mente barroca estava obcecada com a percepção da abertura infinita da criação divina e a consequente fantasmagoria ou pluralidade de mundos possíveis, a imaginação protestante (desconfiada da linguagem enganosa das imagens), em vez disso, baseou-se essencialmente na severidade da semiose verbal. A visão gótica da burguesia protestante residia na perfeição de um Deus tecnológico que falava uma linguagem inequívoca: a linguagem dos fatos, a precisão mecânica, a equivalência e a medição.

(...)

A pureza dos puritanos foi, antes de tudo, efeito da eliminação do passado e da memória histórica e religiosa. Essa exclusão criou espaços planos de um futuro ilimitado que deveria ser escrito em código puramente técnico.” (BERARDI, 2020b, p. 135/136. Tradução nossa).

1.2 SEMIOCAPITALISMO: O DINHEIRO E A LINGUAGEM SEM REFERENTES.

Um ponto de fundamental importância para compreendermos como o capitalismo fabril fordista transformou-se em semiocapitalismo financeirizado e, como isso, afetou e ainda afeta nossas vidas, é a tendência à financeirização do Capital demonstrada por Marx no terceiro volume de O Capital. Iniciar o debate com essa análise de Marx nos permitirá ter uma visão ampla de como o Capital, enquanto força social, mergulhado nas suas contradições, tem por objetivo final desvincular o valor do trabalho humano e da produção de mercadorias, por mais incoerente que isso possa parecer. Deixemos Marx falar:

Em D – D', temos a forma mais sem conceito [*begriffslose*] do capital, a inversão e a coisificação das forças de produção elevadas à máxima potência: a forma simples do capital, como capital portador de juros, na qual ele é pressuposto a seu próprio processo de reprodução; a capacidade do dinheiro ou, conforme o caso, da mercadoria, de valorizar seu próprio valor, independentemente da reprodução – eis a mistificação capitalista em sua forma mais descarada⁴⁵

Marx está não só descrevendo, mas denunciando que “É como capital portador de juros [...], que o capital reveste sua forma fetichista mais pura: D – D' como sujeito, coisa vendável.”⁴⁶ Tal relação, de dinheiro gerando dinheiro, irá implicar diretamente na ideia de valor gerado sem qualquer relação concreta com o mundo real e material, o mundo da vida concreta dos seres humanos, que comem, abrigam-se, vestem-se, locomovem-se. Desta forma, O Capital alcança o seu último grau de abstração.

Temos aqui um movimento do valor sendo desreferencializado, perdendo seu vínculo com o mundo concreto, fator que se demonstrou possível a partir dos anos 70, baseado em uma decisão do então presidente americano Richard Nixon, que desvinculou o dólar das reservas em ouro, tornando-o seu próprio referente, conforme nos demonstra Ghirdelli:

Os anos sessenta assistiram a economia americana apresentar uma defasagem entre o ouro guardado em Fort Knox, que dava lastro ao dólar, e o volume de dólar na praça mundial.

(...)

Em 1971 o presidente Nixon fez uma aparição na TV especificamente para tratar do assunto. Invocando narrativas com sabor de teorias conspiratórias, rompeu com o sistema criado pelo Acordo de Bretton Woods, que havia tornado o dólar moeda universal, referente ao ouro guardado nos Estados Unidos.

(...)

⁴⁵ MARX, 2017, p.442.

⁴⁶ Idem, p. 443.

Com o ato de Nixon, os países tiveram que adotar o sistema de câmbio flutuante. Cada país, segundo sua economia, teve que se acertar com o dólar. Isso fez o mercado financeiro dar passos largos para se estabelecer como um campo de negócios prioritários no Capitalismo.⁴⁷

O dinheiro, agora desreferencializado, abriu margem para o desenvolvimento da era da simulação, afinal, no sistema capitalista, junto à linguagem, ele era um referente universal e, agora, aos moldes do Deus tornando simulacro, o dinheiro não mais tinha referente, também se tornou um modelo gerado a partir de modelos, como Marx previra: D-D' (dinheiro gerando mais dinheiro).

Quando o referente é excluído, quando o lucro pela mera circulação de dinheiro se torna viável, a produção de carros, livros e pães passa a ser supérflua. A acumulação de valor abstrato é possibilitada pela submissão dos seres humanos à dívida e pela caça predatória dos recursos existentes. A destruição do mundo real tem seu início nessa emancipação entre a valorização e a produção de coisas úteis e na autoaplicação de valor no campo financeiro.⁴⁸

Nesse ponto, Berardi está destacando que “A informação substitui as coisas, e o corpo é excluído do campo da comunicação”, e assim alcançando o último grau da abstração. Aqui retornaremos a Baudrillard, na formulação de seu conceito de hiper-realidade, que se instaura como o resultado desse processo de desreferencialização e domínio da simulação.

Hoje a abstração já não é a do mapa, do duplo, do espelho ou do conceito. A simulação já não é a simulação de um território, de um ser referencial, de uma substância. É a geração pelos modelos de um real sem origem nem realidade: hiper-real.⁴⁹

A era da simulação instaura-se a partir da perda do sentido, da perda do que tomávamos como referentes da verdade, apagando os referentes, apagamos a noção de sentido, com isso, nos restam as imagens, os simulacros, os modelos que um dia espelharam o referente, mas, hoje, atuam por si mesmos sem necessidade de vinculação com o real. Nesse sentido, três grandes referentes humanos tiveram que ser desreferencializados para o avanço deste projeto que, conforme observado por Marx, é o ponto final desejado pelo Capital. Primeiro Deus precisaria ser desreferencializado, conforme demonstramos, depois a linguagem deveria perder seu vínculo com o significante e, por fim, o dinheiro abandonar seu lastro com a materialidade, por conseguinte, o valor se desvincular da produção concreta. Antes

⁴⁷ GHIRALDELLI, 2022, p. 74/75.

⁴⁸ BERARDI, 2020, p. 82.

⁴⁹ BAUDRILLARD, 1991, p.8.

de apontarmos o movimento que desreferencializou a linguagem, cabe uma tabela⁵⁰ que demonstra o movimento ocorrido na economia financeirizada:

Financeirização

Sai produção e entra o crédito.

Pós-fordismo

Sai homem e entra máquina.

Biopolítica

Sai trabalho fabril e o homem se desloca para a sociedade para trabalhar em rede, gerando o *General Intellect*.

Neoliberalismo

Sai o Estado e entra o mercado.

Subjetividade maquínica

Sai subjetividade humana e entra a subjetividade maquínica (a fusão homem-máquina).

Todo esse movimento do Capital só foi possível de se realizar devido a um fator decisivo para a incorporação do ser humano à máquina, bem como, a eliminação de seus ruídos diante do movimento acelerado do mercado. Mas qual é a relação entre dinheiro e linguagem que possibilita, frente à desreferencialização de um, a desreferencialização do outro? Bem, “Dinheiro e linguagem têm algo em comum: não são nada, mas põem tudo em movimento.”⁵¹ e, uma vez que, ambos “não são nada mais que símbolos, convenções, *flatus vocis* [emissão de voz], mas tem poder de persuadir seres humanos a agir, a trabalhar, a transformar coisas físicas.”, todo o movimento de transformação ocorrido na noção que temos de ambos, age diretamente na nossa percepção de mundo, organização social e relações intersubjetivas. É justamente por reconhecer a implicação mútua entre dinheiro e linguagem, junto ao impacto que a desreferencialização de ambos causa, que Berardi irá denominar nosso capitalismo financeirizado - pós-fordista - de semiocapitalismo.

Há um motivo para Baudrillard considerar a América como o centro da hiper-realidade, do mesmo modo, há também razão para a desreferencialização do dinheiro e da linguagem serem subprodutos justamente dos Estados Unidos da

⁵⁰ GHIRALDELLI, 2022, p. 73.

⁵¹ BERARDI, 2020, p. 106.

América. Os puritanos que colonizaram a América do Norte queriam forjar um mundo novo, livre dos ecos e ruídos de uma cultura decadente, de um catolicismo desvirtuado e de um legado histórico. Isso explica muito bem a forma como a colonização deu-se nos dois pólos das Américas, de um lado na América Ibérica, o catolicismo e suas imagens, o sincretismo e a busca por evangelizar os povos que aqui viviam; por outro, no Norte o puritanismo e seu extermínio étnico, uma terra nova, livre de todos os ecos culturais, religiosos e históricos, a Terra Prometida, o novo mundo.

Los puritanos que ocuparon las tierras de América del Norte eran menos tolerantes y su actividad religiosa fue menos inclusiva. Ellos no se hicieron la pregunta barroca sobre el alma de los nativos. Los nativos eran vistos únicamente como un obstáculo ante la expansión, no como personas a las que había que convertir (...) debía ser removida y exterminada. Su erradicación fue la condición para el establecimiento de una humanidad nueva y perfecta.

[...]

El ambiente cultural en el que la abstracción monetaria podía prosperar no era el territorio mediterráneo, densamente fertilizado por la religión y la historia, sino un lugar recién descubierto, habitado por creencias sintéticas y construcciones artificiales que presuponían la eliminación de legados históricos.⁵²

Era de um lugar assim, exatamente como consolidou-se os EUA, que o Capital necessitava para avançar rumo ao ponto máximo da abstração, para financeirizar-se e crescer sem mais lastro com qualquer materialidade, a América era o lugar perfeito para o reino do crédito, dos juros e das finanças prosperar. Daí a necessidade de tornar a linguagem simples, binária, perfeitamente compreensível no menor espaço de tempo para que a grande maquinaria do mercado pudesse gerar valor a partir de si mesmo, por meio de signos sem qualquer lastro de referência com o real, bem como, sem qualquer ruído metafórico ou sentido dúbio que pudesse vir dos humanos. A pura letra do texto (o Deus puritano transformado em palavra), sem brechas para hermenêutica. Uma linguagem de zeros e uns.

⁵² “Os puritanos que ocuparam as terras norte-americanas eram menos tolerantes e sua atividade religiosa era menos inclusiva. Eles não se fizeram a pergunta barroca sobre a alma dos nativos. Os indígenas eram vistos apenas como um obstáculo à expansão, não como pessoas que deveriam ser convertidas (...) deveriam ser removidas e exterminadas. Sua erradicação foi a condição para o estabelecimento de uma nova e perfeita humanidade.

[...]

O ambiente cultural em que a abstração monetária poderia prosperar não era o território mediterrâneo, fortemente fertilizado pela religião e pela história, mas um lugar recém-descoberto, habitado por crenças sintéticas e construções artificiais que pressupunham a eliminação de legados históricos.” (BERARDI, 2020b, p. 137. Tradução nossa).

Los territorios, histórica y éticamente purificados, de América del Norte constituían el espacio perfecto para desencarnar el lenguaje y para iniciar el proceso de abstracción que condujo a la cultura digital y a la virtualización.⁵³

Nesse momento, devemos retomar o projeto pragmático⁵⁴ da filosofia americana que nos conduziu a desreferencialização da linguagem, e com ela, a possibilidade de trabalhar com uma linguagem cada vez mais virtualizada e menos humana, criando o cenário perfeito para o advento da máquina e do mercado financeiro, dado que o dinheiro não tinha mais qualquer lastro, ele poderia, agora, ser um signo eletrônico em uma tela, conectado a outros signos e gerando valor a partir do absoluto nada, a partir do “*The desert of the real itself.*”

Ghiraldelli⁵⁵ nos oferece um bom explanado sobre o processo que culminou na desreferencialização da linguagem, remetendo ao filósofo norte-americano Willard Quine (1908-2000), ele nos apresenta seu experimento filosófico da tese da intraduzibilidade da linguagem e da inescrutabilidade da referência. “A primeira tese diz que uma linguagem não se traduz em uma outra. A segunda tese diz que aquilo para o qual uma linguagem parece apontar não pode ser determinado exatamente.”⁵⁶

Ora, para demonstrar como Quine chegou a tais teses, Ghiraldelli nos apresenta o experimento mental, no qual Quine defende as mesmas: Quine imagina um nativo trancado em uma sala com um microfone, nisso, o nativo poderia ver um coelho entrando pela porta e, nesse momento, emitir um enunciado. Repetindo três vezes tal situação, e percebendo que, nas três vezes o nativo pronunciou o mesmo enunciado, no qual uma palavra pode ser distinguida perfeitamente: “gavagai”, poderia se pensar que tal palavra significasse “coelho” na linguagem do nativo. Nesse ponto, Ghiraldelli nos apresenta as três objeções levantadas por Quine:

Haveria no mínimo três possibilidades para “gavagai”, de qualquer maneira. Tanto o nativo poderia estar falando do “coelho”, como poderia, muito bem, estar falando de qualquer parte (não destacada) do coelho. Quem poderia dizer que “gavagai” não estaria sendo a palavra do nativo para “orelhas grandes”. E mais, o nativo também poderia estar falando uma linguagem prenhe de universais. Nesse caso “gavagai” seria a essência do coelho,

⁵³ “Os territórios da América do Norte histórica e eticamente purificados foram o espaço perfeito para desencarnar a linguagem e iniciar o processo de abstração que levou à cultura digital e à virtualização.” (Idem, p. 137/138. Tradução nossa).

⁵⁴ A visão de pragmatismo que defendemos aqui está sustentada em duas leituras sobre o movimento pragmático: de Franco Berardi e Paulo Ghiraldelli, sendo assim, é apenas dentro deste recorte que deve ser compreendido, na leitura do presente texto, o movimento pragmático como desreferencializador.

⁵⁵ GHIRALDELLI, 2022, p. 58/59/60

⁵⁶ Idem, p. 58

uma 'coelhidade'. (...) Conclusão: uma linguagem tomada do ponto zero não é traduzível.⁵⁷

À vista disso, Quine assumiu a ideia de que os seres humanos construíram aproximações entre as linguagens por meio de situações sócio-históricas. Nesse sentido, a tese do pragmatismo ganha força e a ideia de uma linguagem referencial, ou até mesmo, de uma hermenêutica interminável em interpretações perde terreno.

Avançando mais um pouco, Ghiraldelli chega em Davison, que radicalizando a tese de Quine, aponta para a tese de que a linguagem nada mais seria do que uma convenção firmada entre seres racionais, radicalizando a ideia de que a única noção de sentido e significado possível estaria relacionada a acordos e convenções sociais, e dando um passo ainda mais radical rumo a desreferencialização e ao pragmatismo. “O século XX chega ao seu fim radicalizando a desreferencialização da linguagem.”⁵⁸

Todo esse movimento assume força nos anos oitenta dentro das teorias pós-modernas, que se desenvolveram, segundo Ghiraldelli, a partir da “celebração da desreferencialização de alguma área do conhecimento.”⁵⁹

Com a linguagem desreferencializada, o dinheiro desreferencializado, Deus (a ideia de verdade) desreferencializada, não havia mais nenhum obstáculo para a precessão do simulacro, para o fim da chamada modernidade, e a perda absoluta de qualquer noção de referência na qual a humanidade pudesse se agarrar.

Quando a relação entre significante e significado deixa de ser garantida pela presença do corpo, começa a haver uma perturbação na minha relação afetiva com o mundo. Minha relação com ele se torna funcional, operacional - mais rápida, se preferirem, porém precária. Até o ponto da desconexão entre a linguagem e o corpo.⁶⁰

Ora, eis aí o desejo mais profundo, cínico e paradoxal do Capital: uma relação funcional, operacional, rápida e precária dos seres humanos com o mundo e com os outros; eis aí a “pura letra do texto” concretizando-se então a desvinculação da verdade dos fatos que a sustentavam. Eis aí a pós-modernidade, a era da simulação: o semiocapitalismo. Contudo, ainda há ecos a serem destruídos, fontes referenciais incômodas ao sistema. Matamos Deus, o valor e a linguagem; ainda restam a história, a política e a ciência... Restam mesmo?

⁵⁷ Idem, p. 57/58.

⁵⁸ Idem, p. 63.

⁵⁹ Idem, p. 63.

⁶⁰ BERARDI, 2020, p. 80.

1.3 HISTÓRIA, POLÍTICA E CIÊNCIA: TRÊS CADÁVERES INSEPULTOS.

Matamos a história, a política e as ciências nos mesmos moldes do assassinato de Deus, reservando às três a transfiguração em simulacros delas próprias, não nos dignamos nem mesmo a atribuir-lhes um enterro digno, fizemos pior, deixamos seus cadáveres expostos, embalsamados, preservados para os olhos de quem quiser vê-los, como relíquias de um tempo que não mais existe.

Evidentemente, o fato dos cadáveres encontrarem-se insepultos, diz muito sobre o que nos tornamos enquanto humanidade na era da desreferencialização. Há um tipo de morbidez presente no ar, uma espécie de nostalgia que nos impede de enterrarmos os resquícios do mundo, que um dia sonhamos em ter, mas que aos poucos foi revelando-se como um não ser, um não sentido. No desespero e na tentativa vã de não abandonarmos esse mundo, o transfiguramos em simulacro. Já que a realidade demonstrou-se vazia, produzimos a hiper-realidade, uma realidade infinitamente superior à realidade que julgávamos ter, então de posse do hiper-real, o real simplesmente deixou de nos assombrar. Deixou?

1.3.1 A história.

Começamos pela morte e transfiguração da história.

Pensar na História como uma ciência, sem desmerecer o título que ela recebe, já é uma tarefa complicada, ao menos se estivermos presos aos moldes objetivantes das ciências naturais. Para além de ser complicada, trata-se de uma tarefa praticamente nula a busca por uma objetividade na história da humanidade, um sentido que supostamente explicaria o que houve, o que há e o que ainda haverá. Sobre essa dificuldade, deixo Michel Henry falar:

Suponhamos agora que o Todo da realidade seja constituído de indivíduos: então é o Todo da realidade que escapa à história. E que lhe escapa em razão de seu conceito de verdade (...). É precisamente quando se exige de uma coisa, no caso um indivíduo, que se mostre ou que se tenha mostrado no mundo para que sua existência, deste modo atestada, se torne um fenômeno “objetivo”, um fato histórico, que este indivíduo – que a quase totalidade dos indivíduos, tendo vivido na Terra desde as origens, se furte a esse gênero de requisito, à verdade da história e à pretensão desta de estabelecer fatos objetivos e, a esse título, historicamente verdadeiros.⁶¹

Teremos a oportunidade de nos aprofundarmos na argumentação de Henry mais adiante, entretanto a presente citação demonstra-nos o profundo paradoxo na

⁶¹ HENRY, 2015, p.11.

tentativa de estabelecer algo como uma história objetiva da humanidade, quando tal humanidade é constituída de sujeitos individuais e subjetivos vivendo suas próprias histórias. O mínimo que podemos inferir de tal apontamento é a necessidade de se pensar a história para além de uma ótica objetivante, o que por si só já serve de alimento para uma lógica que busca justamente o aniquilamento da história ou sua substituição por um simulacro da história: a lógica da desreferencialização semiocapitalista.

O lugar que hoje representa o centro do capitalismo global e financeirizado, a América, tende necessariamente ser um lugar a-histórico, livre dos ruídos de um passado e de um legado cultural que possa interferir na universalização e desreferencialização do Capital. Assim como partiu da América a desreferencialização da linguagem e do dinheiro, é de lá que herdaremos a desreferencialização da história e sua transfiguração em hiper-realidade. Baudrillard reconhece na América esse lugar livre da história e, ao mesmo tempo, fascinado pela mesma:

America was created in the hope of escaping from history, of building a utopia sheltered from history, and that it has in part succeeded in that project. (...) The concept of history as the transcending of a social and political rationality, as a dialectical, conflictual vision of societies, is not theirs, just as modernity, conceived precisely as an original break with a certain history, will never be ours.⁶²

Uma sociedade livre de um passado histórico, um legado e uma cultura – com a qual estaria sempre em contradição frente à tentativa de universalização do Capital –, é a sociedade perfeita para o mesmo realizar seu maior desejo: acumular independentemente das “inconsistências” humanas. Basta olharmos para o que os “pais fundadores” relegaram aos nativos que estavam no território escolhido para ser a “terra prometida”. Nada de respeitar suas culturas, nada de sincretizar suas culturas. Extermínio! Expurgar o novo mundo de qualquer eco que afete a pureza da nova humanidade.

O “*the american dream*”⁶³ resume-se a isso, importar para o mundo a “ideologia” de uma realidade livre das contradições, pragmática, limpa, clara e

⁶² “A América foi criada na esperança de escapar da história, de construir uma utopia ao abrigo da história, e conseguiu em parte esse projeto. (...) A concepção de história como transcendência de uma racionalidade social e política, como visão dialética e conflituosa das sociedades, não é deles, assim como a modernidade, concebida justamente como ruptura original com uma certa história, jamais será nossa.” (BAUDRILLARD, 1988, p. 87. Tradução nossa).

⁶³ “O sonho americano.”

perfeitamente livre de resquícios que possam prejudicar a “liberdade” de ser um indivíduo, uma mônada independente de qualquer vínculo cultural e social. *“America always gives me a feeling of real asceticism. Culture, politics - and sexuality too - are seen exclusively in terms of the desert, which here assumes the status of primal scene.”*⁶⁴

Desse modo, o papel da história aqui seria o da imagem, do simulacro, das múltiplas narrativas contemplando os modelos gerados por meio de modelos. Tudo deve ser exposto como relíquia, “museumificado”, espetacularizado como fruto de um passado que não mais afeta as relações presentes, não mais interfere na “liberdade” de ser um “eu autêntico”.

Whereas so many generations, and particularly the last, lived in the march of history, in the euphoric or catastrophic expectation of a revolution – today one has the impression that history has retreated, leaving behind it an indifferent nebula, traversed by currents, but emptied of references. It is into this void that the phantasms of a past history recede, (...). Anything serves to escape this void, this leukemia of history and of politics, this hemorrhage of values.⁶⁵

Sem mais relação com os fatos históricos, a história retorna, a partir da hiper-realidade, seja preservada em museus, seja recontada em produções cinematográficas. Nesse ponto, o filme, a série, a imagem tornam-se mais reais que o próprio real, configuram-se em hiper-real e passam a ser os referentes, os modelos que geram novos modelos na medida em que ficam cada vez mais distantes dos nebulosos – e pouco atrativos – “fatos”. Podemos ilustrar tal apontamento com o Titanic, afinal de contas, o que é o Titanic sem Jack e Rose? Um amontoado de ferro irrelevante no fundo do mar. *“Concurrently with this effort toward an absolute correspondence with the real, cinema also approaches an absolute correspondence with itself – and this is not contradictory: it is the very definition of the hyperreal.”*⁶⁶

⁶⁴ “A América sempre me dá uma sensação de verdadeiro ascetismo. A cultura, a política - e também a sexualidade - são vistas exclusivamente em termos do deserto, que aqui assume o estatuto de cena primal.” (Idem, p. 28. Tradução nossa).

⁶⁵ “Enquanto tantas gerações, e sobretudo a última, viveram na marcha da história, na expectativa eufórica ou catastrófica de uma revolução – hoje tem-se a impressão de que a história retrocedeu, deixando atrás de si uma nebulosa indiferente, atravessada por correntes, mas esvaziada de referências. É neste vazio que se refugiam os fantasmas de uma história passada, (...). Qualquer coisa serve para escapar desse vazio, dessa leucemia da história e da política, dessa hemorragia de valores.” (BAUDRILLARD, 1994, p. 43/44. Tradução nossa).

⁶⁶ “Concomitantemente a esse esforço de correspondência absoluta com o real, o cinema também se aproxima de uma correspondência absoluta consigo mesmo – e isso não é contraditório: é a própria definição do hiper-real.” (Idem, p. 47. Tradução nossa).

E, dessa forma, simulada em imagens, transfigurada em uma realidade mais perfeita que o próprio real, a história retorna para nós mesmos, preenchendo o vazio deixado pela irreferencialidade, sem com isso, é claro, afetar as claras, limpas e pragmáticas relações do Capital.

O que sobra da política sem a história? O que permanece do poder sem o poder? Aniquilando a si mesmo, o poder configura-se como não poder e a política como não política.

1.3.2 A política.

A política leva consigo o poder e a ideologia, uma vez tornados simulacros, servem como totem para o real poder: a eficiência pragmática do mercado financeiro global. O palco do poder na era da desreferencialização tornou-se exatamente isso, um grande teatro onde figuras simulam algo que não mais se sustenta na realidade financeirizada.

Começaremos analisando o fim das ideologias ou sua transfiguração em simulacros. O período pré-simulação configurou-se como um momento de explosão das ideologias que permearam os ideais dos homens, experiências anarquistas, socialistas, fascistas, nazistas e liberais entraram em cena no tabuleiro global, ânimos acirrados levaram a humanidade a experimentar duas grandes guerras e uma guerra fria que poderia a qualquer momento terminar com o fim da humanidade, dizimada pelo arsenal nuclear que ela mesma produziu.

Após a segunda guerra, a guerra fria deu início ao que Baudrillard irá chamar de fim das guerras, justamente pelas duas grandes potências do mundo possuírem arsenal nuclear suficiente, não apenas para aniquilar uma a outra, mas para destruir a humanidade inteira, chegamos ao grau zero do poder, o momento em que nenhum “botão” seria acionado justamente pelo motivo deles existirem.

So, it is simulation that is effective, never the real. The simulation of nuclear catastrophe is the strategic result of this generic and universal undertaking of deterrence: accustoming the people to the ideology and the discipline of absolute security – to the metaphysics of fission and fissure. To this end the fissure must be a fiction.⁶⁷

⁶⁷ “Então, é a simulação que é efetiva, nunca o real. A simulação da catástrofe nuclear é o resultado estratégico desta empreitada genérica e universal de dissuasão: habituar o povo à ideologia e à disciplina da segurança absoluta – à metafísica da fissão e da fissura. Para tanto, a fissura deve ser uma ficção.” (Idem, p. 56. Tradução nossa).

Ademais, estando diante da possibilidade da total aniquilação, paradoxalmente, nos encontramos em um estágio de absoluta segurança, justamente a partir do momento em que só se configuram duas alternativas: continuar existindo ou aniquilarmos a nós mesmos. Diante desse cenário, qual é o papel restante para as ideologias, para as visões de mundo, o que resta para aqueles que buscam pensar uma realidade distinta? Bem, não muita coisa, dado que o sistema passa a suportar qualquer ideologia que venha a se desenvolver, ele adapta-se a ela pelo simples fato de que todas se configuram em simulações de um pseudo poder humano que não mais existe, *“war, fascism, the pageantry of the belle époque, the revolutionary struggles, everything is equivalent and is mixed indiscriminately in the same morose and funeral exaltation, in the same retro fascination.”*⁶⁸

Não se trata mais de uma questão de reformular a realidade com base em uma ideologia, mas de formular a ideologia com base na realidade (simulada). Nessa perspectiva, cada fato pode ser lido da maneira que seu intérprete assim desejar, um mesmo evento histórico pode ser fascista, revolucionário, liberal, comunista, anarquista, conservador, e assim por diante, a depender de quem deseja adaptar a realidade ao seu modelo, pois na lógica da simulação, é o modelo que é gerado a partir de modelos, não há mais qualquer realidade que possa contestar o modelo construído. O Capital acaba com qualquer distinção e diferenciação, transforma tudo em polos equivalentes, ele desintegra as contradições e, com isso, mantém o poder não mais como uma esfera de controle, o panopticon, mas como uma grande esfera de indiferença, aniquilando todas as possibilidades de vislumbrar algo para fora do poder pragmático e universalizante dele próprio.

*“The apotheosis of simulation: the nuclear. (...) Nuclear suspension only serves to seal the trivialized system of deterrence.”*⁶⁹ Com isso, instauramos a morte da política e a reduzimos à simulação de conflitos que em nada irão resultar a não ser na geração da hiper-realidade, necessária para manter a ilusão da “história” funcionando, alimentar a falsa esperança de que ainda há causas a serem desejadas, ainda restam lutas para serem travadas. Nesse sentido, *“What no longer*

⁶⁸ “a guerra, o fascismo, a pompa da belle époque, as lutas revolucionárias, tudo se equivale e se mistura indiscriminadamente na mesma exaltação taciturna e fúnebre, no mesmo fascínio retrô.” (Idem, p. 44. Tradução nossa).

⁶⁹ “A apoteose da simulação: o nuclear. (...) A suspensão nuclear serve apenas para selar o banalizado sistema de dissuasão.” (Idem, p. 32. Tradução nossa).

*exists is the adversity of the adversaries, the reality of antagonistic causes, the ideological seriousness.*⁷⁰ Presenciamos assim o fim da dialética, da práxis revolucionária, o sistema, simulado, encontrou a forma perfeita de absorver todos os ideais antagônicos, os transformando em *commodities* a serem consumidas por pessoas desesperadas em reviver qualquer sentido aparente. Desde a escalada de movimentos fascistas, até o fervor revolucionário acabam colidindo em um curto circuito de signos reabsorvidos pelo Capital sem fazer qualquer mínimo ruído.

Tudo assume um ar de nostalgia, de indiferença, de melancolia diante da consumação do sistema. *“The facts no longer have a specific trajectory, they are born at the intersection of models. [...] All of this is simultaneously true.”*⁷¹ *“It is always a question of proving the real through the imaginary.”*⁷²

Com o desaparecimento da política e dos ideais políticos, com a geração da profunda indiferença à realidade, o Capitalismo reforça sua condição de agente universalizante, ele passa a dominar todos os cenários, e o que antes era terreno humano, do “animal político”, do debate e da contradição, passa a ser terreno da troca de valores através do intercâmbio de signos no mercado financeiro. “O capitalismo limita a cognição social de modo a colocá-la em funcionamento no formato técnico e semiótico que ‘transforma o tempo de vida em trabalho e a atividade cognitiva em abstração financeira’”⁷³

Haveria ainda algum fato no qual a humanidade pudesse se apegar? Há salvação para a racionalidade, espaço para a verdade? Alguma esfera da vida humana ainda estaria preservada da absoluta desreferencialização? Uma forte candidata poderia ser A Ciência, o fazer e o saber científico. Teriam as ciências força o suficiente para escaparem da simulação e salvarem o sentido?

1.3.3 As ciências.

Não há maiores culpados pela derrocada das ciências que não as próprias, embebidas de uma visão de verdade e de metodologias para atingir a mesma, elas acabaram por traçar o caminho que as leva ao reino da simulação, perdendo, com

⁷⁰ “O que não existe mais é a adversidade dos adversários, a realidade das causas antagônicas, a seriedade ideológica.” (Idem, p. 38. Tradução nossa).

⁷¹ “Os fatos não têm mais uma trajetória específica, nascem no cruzamento de modelos. [...] Tudo isso é simultaneamente verdade.” (Idem, p. 16/17. Tradução nossa).

⁷² “É sempre uma questão de provar o real através do imaginário” (Idem, p.19. Tradução nossa).

⁷³ GHIRALDELLI, 2022, p.145.

isso, a possibilidade de apresentarem-se como guardiões de qualquer tipo de referencial, sentido ou verdade.

O projeto da fenomenologia, ainda no século XX, já denunciava o objetivismo e naturalismo que permeava as ciências, apontando para a necessidade de colocar-se no fazer científico o sujeito que faz ciência, algo que o positivismo naturalista e objetivante tenta apagar.

Fenomenólogos acentuaram inteiramente o significado da perspectiva de primeira pessoa. Com isso, a fenomenologia entra em uma oposição ao assim chamado objetivismo, que está em geral empenhado em eliminar o sujeito humano da ciência.⁷⁴

A tentativa de anular o sujeito que conhece – em nome de um suposto objetivismo, de uma suposta neutralidade científica – do fazer científico acabou por ser a fonte de ruína das ciências, a partir do momento que instauram formas de questionar seu próprio fazer científico. Na busca por tornar o objeto livre de qualquer ruído subjetivo, as ciências criam a necessidade de afastarem-se tanto do mesmo que acabam por anulá-lo, afinal de contas, quanto maior a proximidade do sujeito que investiga e do objeto investigado, maior as chances desse sujeito inserir subjetividades que causariam dúvidas diante da verdade objetiva.

Doesn't all science live on this paradoxical slope to which it is doomed by the evanescence of this object in its very apprehension, and by the pitiless reversal that the dead object exerts on it? Like Orpheus, it always turns around too soon, and, like Eurydice, its object falls back into Hades.⁷⁵

Baudrillard está atentando para o fato de que, ao tentar ignorar o sujeito humano do fazer científico (e por sujeito humano eu estou referindo-me às inúmeras subjetividades e interesses envolvidos nesse fazer) em nome de uma suposta neutralidade, as ciências necessitam, necessariamente, isolarem seus objetos do mundo, da vida, torná-los cada vez mais distantes, cercados e livres de “contaminações externas”. Para tanto, resta às ciências apenas simularem os seus objetos, torná-los imagens, modelos, simulacros de objetos distantes. Transformando seus objetos em simulacros, elas os inserem no reino da hiper-realidade, o mesmo reino no qual todos os aspectos do real foram inseridos, então os objetos simulados tornam-se mais reais que o real, tornam-se os modelos

⁷⁴ ZAHAVI, 2019, p. 16.

⁷⁵ “Não vive toda a ciência nessa ladeira paradoxal a que está condenada pela evanescência desse objeto em sua própria apreensão e pela inversão impiedosa que o objeto morto exerce sobre ele? Como Orfeu, sempre dá meia-volta cedo demais e, como Eurídice, seu objeto cai de volta no Hades.” (BAUDRILLARD, 1994, p. 7. Tradução nossa).

que gerarão novos modelos, por fim, todo aparato das ciências foi construído sobre modelos que não mais possuem qualquer laço com o que um dia já se apresentou como o objeto “real”.

Science loses precious capital there, but the object will be safe, lost to science, but intact in its “virginity”. It’s not a question of sacrifice (science never sacrifices itself, it is always murderous), but of the simulated sacrifice of its object in order to save its reality principle.

[...]

In any case, the logical evolution of a science is to distance itself increasingly from its object, until it dispenses with it entirely: its autonomy is only rendered even more fantastic – it attains its pure form,⁷⁶

Desse modo, o objetivismo anula toda pretensão das ciências de serem uma narrativa da verdade, já que as mesmas tornaram-se tão humanamente distantes de seus objetos, que apenas uma técnica esvaziada de conteúdo humano prevalece, uma técnica que tenta apagar os ruídos da subjetividade, esquecendo-se que todo o edifício das ciências constrói-se a partir de indivíduos subjetivos envolvidos com seus objetos de estudo.

Uma ciência construída sobre a ilusão da pura técnica nos relega aos horrores do holocausto, que por sua vez, nos possibilitam a crítica da técnica e da própria ciência, a crítica da ideia de racionalidade. É nesse ponto que o objetivismo encontra-se radicalmente refutado pelo subjetivismo, o qual instaura a dúvida, o que ocorre é que mesmo a dúvida sendo positiva, mesmo as ciências tendo de ser questionadas em suas tentativas de objetivação, há uma força que estava apenas esperando o terreno seguro para agir.

Diante da falha do objetivismo de uma ciência perdida entre a técnica fria do método e a subjetividade do cientista, o Capitalismo desreferencializante – o semiocapitalismo financeirizado – aproveita-se para transformar também as ciências em *commodities* e, então, abrir brecha ao negacionismo, colocando-se como a única racionalidade possível: a racionalidade técnica do mercado.

Deus, dinheiro, linguagem, política, trabalho, cultura e ciências: um a um todos os referenciais ruíram diante do profundo abismo do não sentido, o abismo do

⁷⁶ “A ciência perde um capital precioso aí, mas o objeto estará seguro, perdido para a ciência, mas intacto em sua “virgindade”. Não é uma questão de sacrifício (a ciência nunca se sacrifica, é sempre assassina), mas do sacrifício simulado de seu objeto para salvar seu princípio de realidade.

[...]

Em todo caso, a evolução lógica de uma ciência é distanciar-se cada vez mais de seu objeto, até prescindir totalmente dele: sua autonomia só se torna ainda mais fantástica – ela atinge sua forma pura.” (Idem, p. 7/8. Tradução nossa).

nada absoluto, e no desespero de lutar contra o abismo, quando nada mais resta, quando tudo se mostra frágil, eis o momento do niilismo imperar. “Quem luta com monstros deve ter cuidado para não se tornar um monstro. E se olhar demoradamente um abismo, o abismo olha para dentro de ti.”⁷⁷

1.4 AH, O DOCE SABOR DO NIILISMO!

Niilismo, a face do absurdo, a nulidade de qualquer propósito ou ideal. Muitos teóricos, romancistas e filósofos debruçaram-se sobre esse tema. Desde a morte de Deus surge o questionamento se, a partir dela, tudo passaria a valer. A morte dos valores morais constituídos, a morte das ideologias e utopias, das grandes narrativas da realidade. O niilismo é um construto feito sobre muitos cadáveres, contudo, o niilismo da simulação é o mais cruel de todos eles e o mais cínico, o nada que emerge da hiper-realidade, da era do simulacro, é um nada absolutamente transparente, o nada que colocou tudo descortinado, ele surge não mais da perda dos pilares que sustentam uma cultura, mas da absoluta ausência de qualquer nuance, de qualquer ambiguidade, de um grau absoluto de indiferença.

Nihilism [...]. It no longer comes from a weltanschauung of decadence nor from a metaphysical radicality born of the death of God [...]. Today's nihilism is one of transparency, and it is in some sense more radical, more crucial than in its prior and historical forms.⁷⁸

O niilismo no qual estamos inseridos, segundo Baudrillard, provém justamente da busca pelo sentido “*meaning is mortal*”⁷⁹ ele argumenta, ao encararmos o abismo buscando encontrar algo lá dentro, esperando que ele não seja simplesmente uma interminável escuridão, ele encara-nos de volta, e faz isso justamente por estarmos buscando nele algum resquício que nos tire do vazio imenso aos nossos pés. Encarar o abismo esperando algo, faz com que criemos algo dentro desse abismo, no fundo, somos nós que forçamos o vazio a encarar-nos de volta com ilusões.

Diante da desolação de todos os referenciais, do fim do sentido, arruinado perante nossos olhos, o desespero nos faz criar sentido a partir dos escombros, simular uma realidade que não existe mais, que talvez nunca tenha existido. A

⁷⁷ NIETZSCHE, 2012a, p. 90.

⁷⁸ “Niilismo [...]. Já não vem de um weltanschauung de decadência nem de uma radicalidade metafísica nascida da morte de Deus [...]. O niilismo de hoje é de transparência e, em certo sentido, é mais radical, mais crucial do que em suas formas anteriores e históricas.” (BAUDRILLARD, 1994, p.159. Tradução nossa).

⁷⁹ “o sentido é mortal” (Idem, p. 164. Tradução nossa).

realidade simulada torna-se o substituto da própria realidade perdida, ela deve ser mais perfeita, mais detalhada, mais viva, enfim, mais real que o real que a precedeu. Nesse movimento, acabamos por mergulhar tão profundamente na lógica da simulação, que nos vemos emaranhados por ela. “*There is no more hope for meaning*”⁸⁰, é o fim da ilusão do real, o fim da ideia de um referente sustentando nossas frágeis verdades. Fomos tragados pelo abismo.

Do niilismo do não sentido, ou seja, da percepção que todo o sentido é uma ilusão, surge a simulação, a realidade mais real que o real, os modelos vazios que gerarão novos modelos; e é justamente por isso que Baudrillard declara o sentido perigoso, pois se depositamos nossas esperanças nele, ao nos depararmos com o inevitável não sentido, só nos restaria a recusa, a ilusão. Contudo, ainda há esperanças: se o sentido é perigoso, nocivo e nos leva diretamente ao terreno da simulação, a saída, para Baudrillard, seria abandonar a ideia de sentido antes que ela nos seja tirada. No lugar do niilismo do não sentido, nos abriríamos ao doce e libertador niilismo do sentido, negando a própria ideia de sentido já como ponto de partida.

Assumam o reino das aparências para não serem destruídos por elas!

There is no more hope for meaning. And without a doubt this is a good thing: meaning is mortal. But that on which it has imposed its ephemeral reign, what it hoped to liquidate in order to impose the reign of the Enlightenment, that is, appearances, they, are immortal, invulnerable to the nihilism of meaning or of non-meaning itself.⁸¹

Chegamos aqui ao ponto fundamental? Essa é a única saída para a humanidade: de um lado a alienação baseada na busca por algo que não mais existe, de outro, o cinismo pusilânime e vazio da indiferença fantasiada de liberdade?

Quando um sistema, cujo Baudrillard denuncia⁸², já se tornou tão indiferente que é capaz de absorver até mesmo a sua negação, caberia ao ser humano a simples conformidade com ele, a instauração do reino das aparências, afinal elas são as únicas que nos restaram. Bem, essa é uma alternativa, contudo na esteira da

⁸⁰ “Não há mais esperança para o sentido” (Ibidem. Tradução nossa).

⁸¹ “Não há mais esperança para o sentido. E sem dúvida isso é bom: o sentido é mortal. Mas aquilo sobre o qual impôs seu reinado efêmero, aquilo que esperava liquidar para impor o reinado do Iluminismo, ou seja, as aparências, elas, são imortais, invulneráveis ao niilismo do sentido ou do próprio não sentido.” (Ibidem. Tradução nossa).

⁸² Idem, p. 163.

fenomenologia, em um movimento de radical recusa ao não sentido e de absoluta negação da indiferença, buscaremos apresentar uma alternativa crítica para essa conclusão.

O niilismo é sim a única saída possível, no entanto essa só é uma conclusão válida se estivermos buscando o sentido na verdade do mundo, nesse caso, não há outro caminho que não o abismo. Antes de adotarmos o vazio, é preciso compreender como ele é fruto direto da assunção da verdade como verdade do mundo, que necessariamente, é dissolvida em simulação. Eis o nosso próximo percurso: compreender como passamos a tomar a verdade como verdade do mundo, e como isso, afasta-nos cada vez mais da ideia de sentido, envolvendo-nos em um labirinto de esquecimento do verdadeiro sentido originário.

2 A VERDADE DO MUNDO E SUA DISSOLUÇÃO EM SIMULAÇÃO.

*Nossos segredos guardados,
enfim revelados, nus sob o sol
Os segredos de Deus tão guardados,
enfim revelados, nus sob o sol.⁸³*

Já nos foi possível observar que o advento da era da simulação marca um ponto de virada fundamental na nossa forma de ver, viver e nos colocar no mundo. Em aspectos gerais, a promoção do simulacro só é possível em uma realidade ou hiper-realidade, que apague o papel do ser humano na construção e consolidação de algo como A Verdade. Nesse sentido, simulamos o mundo, pois, antes disso, excluímos a humanidade desse mundo ao relegar a nós mesmos não mais o papel de doadores de sentido, mas, sim, o de meros observadores de uma objetividade que se daria alienada de nossa subjetividade.

Dessa forma, ao ingressarmos na era da simulação, nos deparamos com o profundo niilismo do sentido, no entanto caberia questionar se foi o sentido que se perdeu ou se ao contrário, tratamos de eliminar os reais doadores da produção do sentido. Uma ciência dominada pela técnica, uma economia na qual reina o Mercado, uma verdade que independe dos sujeitos, totalmente autossuficiente, presente no mundo e pertencente ao mundo. Uma verdade externa, técnica, objetiva, fria e absolutamente imperativa frente à frágil, inconsistente e dispensável existência humana.

O homem é reduzido à incoerência pela coerência de sua projeção estrutural. Em face do objeto funcional o homem torna-se disfuncional, irracional e subjetivo, uma forma vazia e aberta então aos mitos funcionais, às projeções fantasmagóricas ligadas a esta estupefaciente eficiência do mundo.⁸⁴

Eis aí o triunfo da técnica, o triunfo da racionalidade, a vitória do objetivo. Eis o ponto crucial da substituição da realidade da Vida pela realidade do pensamento. O exato momento em que a Verdade desloca-se do sujeito para o mundo e, dessa forma, torna o sujeito refém da exterioridade, força o mesmo a negar sua subjetividade, sua Vida. No momento em que o objeto triunfa, o sujeito torna-se apenas um ruído indesejável, desesperado e pronto para render-se à primeira possibilidade de resgate do real, mesmo que seja o hiper-real, simulado por meio de modelos e arranjos, o simulacro de um sentido perdido.

⁸³ VIANA, 2001.

⁸⁴ BAUDRILLARD, 2015, p. 63.

Para dar início a nossa análise de como a Verdade desloca-se da Vida para o Mundo e, conseqüentemente, acaba por dissolver-se em simulação, será necessário fazermos um sobrevoo na relação sujeito/objeto, e com ela, da precessão da era do simulacro, que se sustenta por meio do apagamento do sujeito e do arranjo técnico do objeto, tornado independente e agindo dentro de seus próprios termos e valores.

2.1 O OBJETO SEM O SUJEITO: O APAGAMENTO DO HUMANO DA NOÇÃO DE VERDADE.

Nosso conhecimento surge de duas fontes fundamentais da mente, a primeira das quais é a de receber representações (a receptividade de impressões), e a segunda, a faculdade de conhecer um objeto por meio dessas representações (espontaneidade dos conceitos); por meio da primeira nos é dado um objeto, por meio da segunda ele é *pensado* em relação àquela representação (como mera determinação da mente). A intuição e os conceitos, portanto, constituem os elementos de todo o nosso conhecimento.⁸⁵

Kant é fundamental para compreendermos o conceito de modernidade, ao menos, como a modernidade compreende o conhecimento. Conhecer significa estar em relação: um sujeito que conhece e um objeto que se dá a conhecer. O sujeito conhece o objeto através da percepção do mesmo pelos sentidos, e o representa pela intuição. A fenomenologia, mais adiante, com Husserl, apontará a fenomenalidade do objeto, o seu modo de doação à consciência, que é sempre consciência de alguma coisa, como a maneira do conhecimento doar-se.

Há sempre, de maneira imprescindível, a relação entre o sujeito e o objeto, portanto, o conhecimento seria em todos os casos, uma espécie de subjetividade. Eis o problema: se conhecer é apropriar-se de um objeto, e se quem se apropria desse é o sujeito do conhecimento, então, como garantimos a objetividade? Em um movimento de salto, desconsiderando aqui como essas conclusões foram alcançadas na história da filosofia e focando no resultado disso, digamos que o sujeito que conhece sempre foi a causa e o maior obstáculo para o “conhecimento verdadeiro”, afinal de contas, como a ciência poderia se pretender universal e segura, como ela poderia ser a salvaguarda da verdade, se levasse em consideração a subjetividade do cientista? O movimento seguinte da ciência moderna foi o de apagar ou ao menos tentar o incômodo sujeito que conhece. Para

⁸⁵ KANT, 2015, p. 96, B75.

tal, os objetos precisam, evidentemente, estar no mundo livres, independentes e neutros de qualquer viés subjetivo.

Nessa perspectiva, o objetivismo vai desenvolvendo-se a passos largos, a frieza da ciência técnica e racional passa a ser a garantia de que a verdade poderia ser alcançada. O fundamento da verdade desloca-se do sujeito que conhece, para o objeto que é conhecido, a Vida abandona a constituição da verdade, nós a entregamos completamente aos sabores do mundo, do externo, do objetivo.

Tudo é construído pela ciência, em função dela e para ela, pois *são leis extraídas das teorias que serão as leis do funcionamento do dispositivo*, de sua “ação”. A intervenção mínima da vida, sob forma, por exemplo, de uma alavanca de comando para mover alguma coisa, não é mais necessária e tende a não sê-lo uma vez que o dispositivo é de tal modo disposto que é capaz de autorregular e se autocontrolar, tornando-se, propriamente falando, um sistema, reflexo fiel do sistema teórico do qual emerge como sua “realização”.

[...]

A técnica é a natureza sem o homem, a natureza abstrata, reduzida a si mesma, devolvida a si, exaltando-se e exprimindo-se, seu autodesenvolvimento, de tal modo que todas as virtualidades e potencialidades nela incluídas devam ser atualizadas para elas e para o que são, em prol de si mesmas, para que seja feito tudo o que pode ser feito, ou seja, *tudo o que a natureza poderá se tornar*.⁸⁶

O desenvolvimento da ciência, da técnica e da objetividade do conhecimento tem como custo o apagamento humano do processo e, com isso, o objeto emancipa-se do sujeito e passa a rearranjar-se em uma nova relação consigo mesmo, uma relação que simula um sentido próprio do objeto, que simula que ele é capaz de ter por si e em si toda a potencialidade de fazer-se sentido.

2.1.1 O objeto independente, um signo que referencia a si mesmo, interpreta a si mesmo e existe por si mesmo.

Em nossos tempos, fomos enquanto humanidade, tão longe no processo de independência do objeto e busca pela objetividade, que acabamos por chegar em um ponto em que finalmente o objeto triunfou sobre o sujeito. Estamos diante do momento histórico no qual cada objeto existe por si mesmo, ele não deve mais absolutamente nada ao sujeito, não necessita do mesmo para ser interpretado, para ter sentido, muito menos para ter utilidade. Baudrillard irá traçar uma semiologia inteira dos sistemas de objetos, mostrando como cada objeto existe dentro de um sistema muito particular que leva em consideração os valores de ambiência, de arranjo e de funcionalidade.

⁸⁶ HENRY, 2012, p.89.

Longe dos já superados ambientes carregados de valores, de simbolismos e significações, que os períodos anteriores ao nosso legaram-nos, o que há hoje, na relação entre sujeito e objeto, não implica mais em uma formulação de sentido, em um simbolismo de relações, estruturas e hierarquias. Chegamos na era da pura utilidade, cada coisa serve para aquilo que serve, nada extrapola seu significado próprio, desse modo, o pragmatismo toma conta de nossos ambientes. Contudo, evidentemente, que ainda nos resta um terreno da ideologia, a utilidade pura e simples não bastaria por si mesma, se não tivesse acoplada a valores. A grande diferença é que tais valores, que outrora representavam valores sociais, morais e até mesmo afetivos, ou seja, valores humanos, foram substituídos por arranjo e ambiência.

Saem os móveis ornamentados, os artefatos de família, a disposição hierárquica de cômodos, e no lugar de tudo isso entram as combinações de cores, a distribuição da luz, a simetria dos cômodos. Ou seja, abandonamos os ecos humanos contraditórios e tomados por historicidade, no lugar deles, inserimos a magnitude técnica do *design*.

O sistema todo repousa sobre o conceito de FUNCIONALIDADE. Cores, formas, materiais, arranjo, espaço, tudo é funcional. Todos os objetos se pretendem funcionais como todos os regimes se pretendem democráticos. Ora, este termo, que encerra todos os prestígios da modernidade, é particularmente ambíguo. Derivado de “Função”, ele sugere que o objeto se realiza na sua exata relação com o mundo real e com as necessidades do homem. Efetivamente, resulta das análises precedentes que *“funcional” não qualifica de modo algum aquilo que se adapta a um fim, mas aquilo que se adapta a uma ordem ou a um sistema*: a funcionalidade é a faculdade de se integrar em um conjunto. Para o objeto é a possibilidade de ultrapassar precisamente sua “função” para uma função segunda, a de se tornar elemento de jogo, de combinação, de cálculo, em um sistema universal de signos.⁸⁷

Temos aqui o ponto nevrálgico da independência do objeto, da objetividade e funcionalidade do mesmo e a sua ligação direta com o advento da era da simulação, caracterizada, conforme já demonstrado, pela absoluta independência do signo e do significante. Na ideia do objeto independente, existindo por si mesmo, referenciando a si mesmo, caminhamos a passos largos rumo à independência absoluta do signo, e dela, partimos para a substituição dos referenciais por seus modelos, o que significa concretamente que, livre de sua referencialidade, cabe ao objeto apenas adaptar-se. Ele adapta-se aos fatos, adapta-se ao meio, adapta-se aos modelos testados nos laboratórios. Por fim, ele dispensa o interpretante, tem sentido por si

⁸⁷ BAUDRILLARD, 2015, p. 69/70.

próprio. Se ao fim e ao cabo, todos os seres humanos desaparecessem hoje do planeta Terra, em nada o objeto seria afetado dentro de seu valor próprio na cadeia de sistema da qual faz parte.

Eis a ilusão perfeita de que a Verdade encontra-se fora de si, no mundo, no extenso. Eis a ideia de que todo o sentido mostra-se no mundo, se faz objetivo, é neutro, neutralizado e neutralizante. Desaparece a relação simbólica, desaparecem os atos de cultura, anula-se a subjetividade. “Esta neutralidade é pois o corolário de toda funcionalidade. É a conotação moderna do sistema de ‘ambiência’”.⁸⁸

Abandonado a toda sorte no “deserto do próprio real”, o ser humano vê-se desesperado pelo sentido, buscando o mesmo no simulacro da realidade, encontra, não mais na racionalidade (abalada ao longo dos processos históricos), mas no mito da funcionalidade, que se desenvolve e ganha força exatamente a partir da ideia de objetividade, utilidade e sistema, assim “interiorizou-se em uma dinâmica mental, a do mito funcionalista. A da virtualidade de um mundo totalmente funcional, de que cada objeto é já o indício. O gestual reprimido torna-se mito.”⁸⁹

Mas o que leva o gesto humano a ser reprimido? Ora, justamente o avanço da técnica, da maquinaria, a substituição do trabalho humano, que é, conforme destacou Marx, o elemento gerador de todo o valor, ao menos, em um mundo em que o valor tinha lastro com a realidade, um mundo no qual o Capital dependia do trabalho para crescer e acumular, um mundo pré-financeirização, pré-simulação. Com a abstração do Valor, a independência do dinheiro e a maquinização do trabalho, restou ao ser humano deslocar-se para o terreno do virtual.

Para compreendermos como esse avanço deu-se, é necessário olhar justamente para a relação sujeito/objeto e como o projeto de ciência galileana – que busca afastar da verdade toda a subjetividade – foi o responsável por promover tal afastamento. “A ciência que se acredita só no mundo e que se comporta como tal se torna a técnica (...) com a exclusão de toda a referência ao mundo-da-vida e à vida.”⁹⁰

Caberia um questionamento: por que chegamos neste ponto? O que nos revela a separação promovida pela ciência entre sujeito e objeto?

⁸⁸ Idem, p.71.

⁸⁹ Idem, p.63.

⁹⁰ HENRY, 2012, p.76.

2.2 “E, VÍTIMA DE SI, DESPREZA O QUE NUNCA VAI TER”⁹¹: O FRACASSO DA AUTONEGAÇÃO DA VIDA.

Até o momento, buscamos traçar um paralelo entre o advento da ciência moderna e sua negação do sujeito, com a promoção da verdade como Verdade do Mundo. Foi possível compreender que a Verdade do Mundo opera na negação da subjetividade mediante a análise do objeto, ou seja, no fazer científico que nega a ação subjetiva nos resultados alcançados, buscando cada vez mais uma neutralidade e, por conseguinte, a emancipação do objeto. Desta forma, o projeto galileano de ciência, ao negar o sujeito e tornar o objeto independente, abre precedente para o desenvolvimento da técnica e da ciência objetivante, o que resulta diretamente no advento da verdade como Verdade do Mundo e o apagamento do Mundo da Vida desse processo.

Traçado o paralelo necessário, cabe responder de onde surge essa objetificação, quais as causas que levaram a ciência a isolar seu objeto do sujeito, e por sua vez, a filosofia tornar-se cada vez mais próxima do paradigma científico, até tomar a relação entre sujeito/mundo como uma relação de representação, ou seja, de mera idealização pela consciência de um Mundo que, assim como na ciência, está além de nós, externo a nós, objetificado e independente no horizonte de nossa visão.

Vir a aparecer no “fora de si” do mundo significa antes que é a própria coisa que se encontra lançada fora de si, frustrada, quebrada, cindida de si, despojada de sua realidade própria, de maneira que, privada doravante dessa realidade que era a sua, esvaziada de sua carne, ela não está mais fora de si mesma, na Imagem do mundo, que seus próprios despojos, uma simples imagem, com efeito, película transparente, superfície sem espessura, pano de exterioridade nu oferecido a um olhar que desliza sobre ele sem poder penetrá-lo nem atingir outra coisa além de sua aparência vazia.⁹²

Tornada imagem, esvaziada de si, frustrada, quebrada e assim por diante, eis as palavras que apontam a realidade do objeto quando tornado objetivo, a realidade da verdade quando tornada Verdade do Mundo. Já demonstramos, no primeiro capítulo, o que significa a realidade da simulação, tudo tornado imagem, modelo, esvaziado de referencialidade, mais real que o real: o simulacro. Aqui, podemos iniciar o caminho que nos levará a compreensão de como a Verdade do Mundo vai necessariamente dissolver-se em simulação. Mas, para chegarmos nesse ponto,

⁹¹ PITTY, 2009.

⁹² HENRY, 2015, p. 31.

conforme já indicamos, é preciso entender que o caminho da Verdade do Mundo é o caminho do fracasso. Quem fracassa? A Vida! Como? Negando a si mesma.

2.2.1 A Vida se encara no espelho, face a face com sua contradição.

Se somos subjetividades, sujeitos no mundo, agindo neste mundo e vivendo nele, somos essencialmente sentimento, em outras palavras, somos carne. Sofremos, nos alegramos, afetamos e somos afetados. Nossa realidade é uma realidade de *pathos*, paixão. Somos sujeitos desejanter, eróticos, vivos.

A vida em sua autoafecção – no autossentir e no autossofrer – é por essência afetividade, mas esta não é um estado nem uma tonalidade definida e fixa. Ela é o historial do Absoluto, a maneira infinitamente diversa e variada pela qual este cai em si, se experimenta e abraça a si mesmo nesse abraçar de si que é a essência da vida. A vida se realiza como *pathos* desse abraçar...⁹³

Em suma, a Vida realiza-se, de acordo com Henry, no autoviver dela mesma, no autossentir-se enquanto vivo, enquanto Vida. Ela é o absoluto no qual tudo existe, para o qual tudo existe, de onde parte e para onde caminha. Portanto, de acordo com a tese de Henry, somos subjetividades, o que implica em sermos Vida, ou seja, somos um autofruir e autoexperienciar a si mesmo.

Bem, tudo se origina da Vida e para a Vida direciona-se, tudo é essencialmente Vida. Isso implicaria dizer que a ciência e o saber são, em sua manifestação originária, Vida? Sim, a ciência surge, assim como todas as manifestações humanas, no seio da Vida, nasce, logo, de uma vontade da Vida, que é subjetiva. Naturalmente, afirmar tal tese é necessariamente afirmar que a ciência, fruto da Vida, pela própria natureza de sua atividade e seu desenvolvimento, acaba por negar a Vida, assim sendo, acaba por negar a si mesma em absoluto.

Eis a contradição da ciência objetivante! Nega a si para realizar-se enquanto tal. Esse é o ponto de contradição inerente à verdade como Verdade do Mundo.

Ocorre que tal movimento contraditório de negação de si pela ciência, quando analisado mais profundamente, acaba por desaguar em uma contradição ainda maior: a negação de si da Vida. Não é a ciência que nega a si mesma ao negar a Vida, mas a Vida que sendo a fonte originária de tudo, portanto, da própria ciência, que nega a si ao negar-se na ciência. Portanto, a negação da ciência a ela mesma é a autonegação da Vida.

⁹³ HENRY, 2012, p. 69.

Enquanto modo da vida e, por conseguinte, enquanto modo de vida, a ciência é mais ou menos análoga às outras formas de cultura (...). Trata-se, em todos os casos, de modos de realização da vida, de modos cuja realização é desejada pela vida enquanto ela é, em última instância, o crescimento de si.

Negando a Vida, a ciência realiza um desejo da própria Vida, que irá surgir a partir da constatação de que, em sua essência, a Vida não se manifesta no lá fora do mundo, ela é interioridade pura, ela é mistério, enigma, *pathos*. Consequentemente, a Vida é invisível, não se deixa objetificar, “a vida é a autoafecção original que ignora o Êxtase, ela torna-se essência como uma interioridade radical”⁹⁴. Não há um “fora” para a Vida. Não há maneiras de representar a Vida, de ver a Vida, de compreender a Vida racionalmente. Sendo, a Vida origem do sentido, não representá-la é não conseguir perceber, tornar manifesto o sentido. A ciência “ali para onde ela dirige seu olhar, a vida não aparece jamais.”⁹⁵

Segundo Henry, ao negar-se através da ciência, o que a Vida alcança, enquanto tonalidade do sentir, é a alegria, o prazer de colocar o sentido para fora de si, no mundo, na Verdade do Mundo e, portanto, em um local visível para a subjetividade, que aqui, torna-se consciência de alguma coisa, racionalidade, representação, ego. “Um modo de vida, o modo de vida científico, (...) é uma experiência no sentido da vida, uma maneira de se sentir e experienciar a si mesmo.”⁹⁶

Então, a ciência surge como uma tentativa da Vida negar a tonalidade afetiva do sofrer, negar a si mesma, para negar o abismo, a Noite, o horror, o enigma. O cientista anula sua subjetividade no fazer científico, pois assim a Vida deseja, ao perceber-se Noite, ao perceber-se na angústia. É, portanto, como resposta ao abismo que a ciência emerge. Mas, evidentemente, ela acaba fracassando. “É preciso perceber, *na própria vida*, o momento e o princípio da escolha mediante a qual ela pronuncia sua própria condenação, a condenação à morte do homem.”⁹⁷

Na busca por negar a si mesma, a ciência se faz cada vez mais técnica, mais especializada, mais afastada do sujeito que a promove. Com isso, ela mergulha em uma indiferença da vida para com a Vida, ela instaura a barbárie.

⁹⁴ Idem, p. 104.

⁹⁵ Ibidem.

⁹⁶ Idem, p. 109.

⁹⁷ Idem, p. 108.

Supondo-se que, no interior desse desenvolvimento monstruoso da técnica moderna, o surgimento de um novo processo – a fissão do átomo, a manipulação genética etc. – apresenta uma questão para a consciência do cientista, essa questão será rejeitada como anacrônica, pois, na única realidade que existe para a ciência, não existe questão nem consciência. E se, por acaso, um cientista se permitisse deter por seus escrúpulos – o que, de resto, não ocorre jamais, pois o cientista está a serviço da ciência –, cem outros se erguerão, já se ergueram para substituí-lo. Pois tudo o que pode ser feito pela ciência deve ser feito por ela e para ela, uma vez que não há nada além dela e a realidade que ela conhece, a saber, a realidade objetiva, da qual a técnica constitui a autorrealização.⁹⁸

O assombro provocado por tais palavras advém do horror da Vida, que ao encarar a si mesma no espelho, face a face com a barbárie que produziu ao autonegar-se, quem a encara de volta é a bomba atômica, o holocausto, os projetos de eugenia, a manipulação genética, a destruição da natureza, a morte. Morte por todos os lados, caos, fracasso, abismo!

Diante do fracasso produzido pela sua autonegação, da falha monumental da ciência se fazer a nova provedora do sentido, da dissolução absoluta da verdade como Verdade do Mundo, todavia, incapaz de assumir a Noite, o sofrer, o *pathos*; ainda resta um último e derradeiro terreno para a Vida cultivar sua autonegação. Nesse ponto, da decadência da Verdade do Mundo, ao olhar-se e ver-se como barbárie, a Vida coroa a barbárie como soberana no reino da simulação.

Do abismo da barbárie, emerge a indiferença “pós-orgia”, como ressalta Baudrillard: do simulacro.

A simulação surge da dissolução da Verdade do Mundo, justamente, porque, não bastando mais a ciência como autonegação da Vida, dado que a mesma ruiu aos escombros da barbárie, resta simular, e na simulação, (re)produzir como simulacro essa autonegação do sofrer originário. A simulação hoje, portanto, como a ciência outrora, é a Vida negando a si mesma em seu sofrimento originário.

Na falha do Mundo como Verdade, erguemos o Mundo como Sistema, e o Mundo como Sistema é o gigantesco simulacro, que a Vida ergue para si na fracassada tentativa de sua autonegação.

2.3 MATRIX: DO MUNDO COMO VERDADE, PARA O MUNDO COMO SISTEMA – A DISSOLUÇÃO DA VERDADE DO MUNDO EM SIMULAÇÃO.

⁹⁸ Idem, p. 94.

O holocausto coroa a era da barbárie, a indiferença ao holocausto coroa a era da simulação.

Nós não estamos mais vivenciado a verdade como Verdade do Mundo, esse momento dissolveu-se a partir da barbárie que a humanidade viveu no século XX. Nosso tempo é outro, vivenciamos a era da simulação, do simulacro, e esse momento é coroado não mais pela técnica racionalizante, objetivante e fria, mas pela absoluta indiferença, pelo grau-zero do sentido: *“Triumph of superficial form, of the smallest common denominator of all signification, degree zero of meaning, triumph of entropy over all possibles tropes.”*⁹⁹

Antes de continuarmos com a análise que estamos traçando de nosso momento histórico de absoluta nulidade do sentido, cabe um pequeno desvio. Em 1999, tivemos no universo cinematográfico, o lançamento do primeiro filme do que depois se configurou em uma franquia de quatro longas. Escrito e dirigido por Lilly e Lana Wachowski, o cinema de ação e ficção científica era coroado com o filme *Matrix*. Inspirado, dentre tantas outras obras, na teoria de Baudrillard, *Matrix* narra a história de um mundo futurista no qual máquinas assumiram o controle, após uma guerra contra os humanos, nós, a raça humana, estaríamos presos em cubas, onde nascemos e vivemos por toda vida, adormecidos, servindo de bateria para o sistema das máquinas.

Evidentemente que, para manter a humanidade inteira presa, as máquinas criaram um mundo simulado virtualmente, uma realidade virtual onde todos os seres humanos estariam conectados e iludidos, acreditando viverem suas vidas. No clássico, Neo, o personagem principal, revela-se o escolhido, então caberia a ele, junto à resistência formada por outros seres humanos libertos do sistema, infiltrar-se e libertar os humanos da tirania das máquinas.

Evidencia-se que Baudrillard não gostou do filme, teve críticas ao mesmo e afirmou um erro de interpretação por parte das Wachowskis de sua teoria, nas palavras de Baudrillard:

O valor de “Matrix” é, principalmente, o de ser uma síntese de tudo isso. Mas a narrativa é muito crua e não verdadeiramente evoca o problema. Os personagens ou estão na matriz, isto é, no sistema digitalizado de coisas,

⁹⁹ “Triunfo da forma superficial, do menor denominador comum de toda a significação, grau zero do sentido, triunfo da entropia sobre todos os tropos possíveis.” (BAUDRILLARD, 1994, p.87. Tradução nossa).

ou estão radicalmente fora dele, tal como em Sião, a cidade da resistência. Mas seria interessante mostrar o que acontece quando esses dois mundos colidem. A parte mais constrangedora do filme é que o novo problema colocado pela simulação é confundido com o tratamento clássico platônico. Esta é uma falha grave. A ilusão radical do mundo é um problema enfrentado por todas as grandes culturas e que é resolvido através da arte e simbolização. O que nós inventamos a fim de dar conta desse mal estar é um real simulado, que doravante suplantar o real como a sua solução final, um universo virtual do qual tudo o que é perigoso e negativo foi expulso. E “Matrix” é, inegavelmente, parte disso. Tudo que pertence à ordem do sonho, utopia e ilusão é dada uma forma concreta, é “realizado”. Estamos na transparência sem cortes. “Matrix” é certamente o tipo de filme sobre a matriz que a matriz teria sido capaz de produzir.¹⁰⁰

Não sabemos, e aqui não nos é relevante, se Baudrillard assistiu as sequências de *Matrix*, lançadas em 2003 com os títulos *Matrix: reloaded* e *Matrix revolutions*; mas, podemos afirmar, com absoluta certeza, que ele não assistiu ao quarto filme da franquia, lançado em 2021, anos após o seu falecimento, com o título: *Matrix Resurrections*. Ocorre que, em nossa análise, ao olharmos apenas para o primeiro filme, tendemos a concordar com Baudrillard, pois nele as Wachowskis tiveram clara inspiração no Mito da Caverna de Platão¹⁰¹, deixaram intactos o princípio da realidade, a possibilidade de superação da simulação, e até mesmo, a ideia do “filósofo”, aqui representado por Neo, o escolhido, de libertar as demais mentes presas ao sistema.

O que ocorre é que, já no segundo filme, e principalmente no quarto da franquia, a série aprofunda ainda mais a complexidade da história, e ao nosso ver, aproxima-se e muito, da teoria da simulação proposta por Baudrillard. No segundo filme, Neo é abalado enquanto herói, a lenda do escolhido revela-se uma forma do próprio sistema absorver sua contradição, para a partir da revolução (ou da simulação da mesma), reiniciar o sistema inteiro e ainda dizimar toda a população que se libertou, recomeçando tudo novamente. O Neo que acompanhamos na série seria o sexto escolhido, o que indica que já tivemos cinco simulações anteriores e em todas elas, o escolhido cumpriu seu real papel, o de retornar à fonte e reinserir no provedor o código de reinicialização.

Mas, de todos os filmes, com absoluta certeza o quarto: *Matrix resurrections*, é o que mais se aproxima da teoria de Baudrillard. Retornamos à história 90 anos depois, com uma simulação ainda mais forte, um Neo totalmente envolvido no sistema, indiferente a tudo e capturado em uma simulação dentro da simulação.

¹⁰⁰ BAUDRILLARD. 2012, Acessado em 21/12/2022.

¹⁰¹ Cf.: PLATÃO, 2014, livro VII.

Nele, descobrimos que toda história desenvolvida na trilogia original, foi reabsorvida pelo sistema, transformada em um jogo (uma simulação dentro da simulação), criado pelo próprio Neo (seu avatar dentro da *Matrix*), que acredita estar vivendo a realidade (a *Matrix*), e que todas as lembranças de sua vida anterior, seriam o jogo criado por ele. Baseado na ideia de que, a existência humana seria pautada pela realidade de ter o desejo de conquistar mais e o medo de perder o que já possui, ele inseriu-se dentro de uma posição de absoluto conformismo, indiferença e negação dos impulsos da Vida.

Longe do herói revolucionário dos primeiros filmes, no quarto, Neo está apático, sofre de transtornos mentais, não consegue lidar com a “realidade” a sua volta, ao mesmo tempo que reprime todo o desejo de buscar transformá-la. Reduzido a uma sombra de si mesmo, ele deixa-se manipular e prender-se em um *looping* eterno. Frágil, infeliz, ressentido e com um profundo desejo de mudança reprimido diante da imponente e esmagadora vitória do sistema.

É isso aí, não é? Se não sabemos o que é real não podemos resistir. Pegaram a sua história, algo que significava tanto para pessoas como eu e a transformaram em algo trivial. É isso que a Matrix faz. Transforma em arma toda ideia, todo sonho. Tudo o que é importante para nós. Onde mais enterrar a verdade senão dentro de algo tão comum como um videogame?¹⁰²

A fala que foi reproduzida é da personagem Bugs, que resgata Neo da nova simulação, na qual podemos perceber o diagnóstico perfeito da nova *Matrix*: não mais a dualidade entre real/aparente, mas a indiferença perante o aniquilamento do real. A ideia de Verdade como Verdade do Mundo só caberia na *Matrix* original, na Caverna platônica, na representação Kantiana e no positivismo da ciência moderna. Com a barbárie instaurada, a crise da racionalidade e os paradoxos nos quais a ciência mergulha, pois “a ciência não lida com juízos singulares, mas somente com proposições universais”¹⁰³ e a realidade é, fundamentalmente composta por Vidas singulares, resta a saída da simulação, tornar os signos independentes do ser humano e os anexar em sistemas de objetos, virtualizar a existência em uma linguagem lógica e “racional”, e com isso, apagar qualquer distinção entre real e aparente, afinal, tudo o que existe é o perfeito arranjo sistemático.

Homens reduzidos a simulacros, a ídolos que não sentem nada, a autômatos. E substituídos por eles – por computadores, por robôs. Os

¹⁰² MATRIX Resurrections, 2021.

¹⁰³ HENRY, 2013, p. 110.

homens expulsos de seu trabalho e de sua casa, empurrados para cantos vazios, contraídos nos bancos do metrô, dormindo em caixas de papelão. Os homens substituídos por abstrações, por entidades econômicas, por lucro e dinheiro. Homens tratados matematicamente, informaticamente, estatisticamente, contados como animais e valendo muito menos que eles. Os homens desviados da Verdade da Vida, lançando-se a todos os engodos, a todos os prodígios em que esta vida é negada, escarnecida, imitada, simulada – ausente. Os homens entregues ao insensível, tornados eles próprios insensíveis, e cujo olho é vazio como o de um peixe [...] Os homens cujas emoções e amores não são senão secreções glandulares. Os homens que foram liberados fazendo-os crer que sua sexualidade é um processo natural, em vez de lugar de seu Desejo infinito Os homens cuja responsabilidade e dignidade já não têm nenhum lugar assinalado.¹⁰⁴

À vista disso, importa-nos dizer que nós não estamos mais operando na lógica da Verdade do Mundo, pois esta foi completamente dissolvida, superada, anulada por suas próprias contradições, pelo próprio movimento da Vida de autonegar-se. O que vivemos hoje é o advento e consolidação de uma nova lógica, logo, uma certa ressaca proveniente da lógica anterior.

O movimento de autonegação da Vida metamorfoseou-se na lógica da Verdade como sistema. O que isso implica? Justamente na independência do objeto; enquanto a lógica da Verdade do Mundo estava pautada na descoberta, na exploração, no progresso e na técnica, portanto, em uma lógica do homem como racionalidade científica; a lógica da Verdade como Sistema está baseada no arranjo, nas conexões de zeros e uns, o objeto e signo independentes que se ligam a outros objetos e funcionam em sua própria linguagem, velocidade, dinâmica e sistematização.

A Verdade como Sistema é absolutamente indiferente ao ser humano, nem mesmo o papel de “agente neutro”, que exercemos na Verdade do Mundo nos restou. O sistema, a *Matrix*, a simulação não deve nada ao ser humano, a não ser, talvez, o nosso movimento de autonegação: o delírio de que, anulando a nós mesmos encontraremos o paraíso.

2.4 “NUS SOB O SOL”¹⁰⁵: A PATÉTICA ILUSÃO DE DESVELAR O INVISÍVEL.

Se é verdade que a barbárie surge da tentativa da Vida de autonegar-se a si mesma, e que a simulação provém do assombro da Vida diante da barbárie, aliado à insistência de continuar em um processo de autonegação, porém, por outras vias, é preciso que haja um ponto crucial que determine essa ruptura, afinal, já

¹⁰⁴ HENRY, 2015, p. 382.

¹⁰⁵ VIANA, 2001.

compreendemos que o sofrimento inerente à Vida leva à sua autonegação, à tentativa que nos leva aos resultados já denunciados, no entanto surge no momento em que, buscando negar a Vida, o sujeito inicia um auto fracassado processo de tornar a Vida visível. E aqui está um ponto fundamental que vai levar-nos diretamente à era da simulação, a busca por desvelar, projetar, tornar imagem, representar o invisível da Vida.

o que permanece em si na Noite abissal de sua subjetividade, que aurora alguma jamais dissipará. Ali, contudo, nessa Noite sem partilha e em seu favor, cumpre-se o histórico do Ser a que nos referimos, a operação imóvel na qual a vida abraça a si mesma no abarcar de sua conservação e de seu crescimento.¹⁰⁶

Não basta a Vida ser patética em si mesma, puro *pathos*, subjetividade e imanência, ela também é invisível, Noite, abismo, enigma, mistério. E isso, não cabe à racionalidade alguma suportar, nenhum projeto de esclarecimento, iluminação, revelação, objetificação. Em suma, nenhum projeto de verdade como Verdade do Mundo suporta, comporta e coexiste com o enigma, com a Noite. Pouco a pouco, a Vida passa a ser o fardo que ela mesma não suporta carregar.

Dessa forma, existe um peso da existência, o qual lhe pertence por princípio, não sendo uma característica empírica, o produto de certas circunstâncias desfavoráveis, por exemplo. Resulta antes da operação da vida como seu efeito, um efeito transcendental como essa operação. Que esse peso se torne demasiado pesado, que possa ser vivido como fardo, e como fardo insuportável, isso se deve ao fato de que é impossível à vida desfazer-se daquilo que ela está encarregada, isto é, de si mesma.¹⁰⁷

Desse movimento que nasce a barbárie, ao tentar tornar tudo visível, na tentativa de livrar-se do fardo, a técnica objetivista substitui a Vida, a racionalidade toma o palco e passa a determinar os rumos da existência, porém o faz negando justamente o que não pode suportar: a subjetividade radical. Mas, a Vida conforme já demonstrado, não pode dar fim a si mesma, e de um movimento de supressão e recalque da energia viva, impulsionado pelo advento da técnica e da racionalidade, é que desponta a barbárie, que: “é uma energia não utilizada”¹⁰⁸, e que acaba por resultar em violência, sendo assim, é da Verdade do Mundo que emerge a barbárie, de uma visão específica de realidade que emana a violência, uma realidade que busca apagar o que provém da Vida e assim o faz, pois, a Vida não suporta o peso de si.

¹⁰⁶ HENRY, 2012, p. 152.

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ Idem, p. 156.

Esse mundo é o mundo da ciência, da ciência galileana, que afastou de si tudo o que é subjetivo e a própria subjetividade. Apenas não é possível eliminar a vida. Esta não subsiste só no interior da ciência, como seu impensado, ela não deixa de se realizar em suas determinações elementares.¹⁰⁹

O mundo que desencadeia a barbárie, e, conseqüentemente, a simulação é um mundo que não suporta o invisível, um mundo que abandona toda forma de cultura que não se proponha objetivante, que não se proponha revelar os mistérios, dominar o ambiente, tornar tudo claro e explicado mediante uma relação harmoniosa de causalidade. O mundo da ciência é o mundo que se traduz matematicamente, portanto, todos os saberes que ficam no campo da cultura: a arte, a filosofia e a religião são colocados em segundo plano em prol de uma objetividade. Nada deve escapar aos olhos!

Durante o final do ano de 2001 e parte de 2002, a Rede Globo de Televisão exibiu em sua grade de programação a telenovela de Glória Perez: O clone. A trama, que por tratar-se de uma telenovela, era extensa, com muitos núcleos e subtramas, estava centrada, conforme o título sugere, na realização da clonagem humana por um cientista chamado Albieri. Na tentativa de driblar a morte e a Deus, o geneticista realiza o clone de um de seus afiliados, após o outro (gêmeo do que foi clonado) falecer em um acidente, Albieri acreditava que, ao clonar Lucas (o gêmeo que permaneceu vivo) e criá-lo nas mesmas condições de Diogo (o gêmeo que morreu), ele teria recriado o afiliado, e com isso, criado a vida.

Guiado pela visão de mundo pautada na objetividade científica, a vida para ele seria um amontoado de partículas, células, órgãos e tecidos, ao passo que a personalidade se moldaria unicamente a partir das interações com o meio. Em momento algum ele perguntou-se sobre o que significa para Léo (o clone), nascer sob essa condição, quais as implicações por trás do ato de gerar uma vida a partir de outra, tanto para Lucas que foi clonado, quanto para seu clone. Albieri deixou de lado a subjetividade dele mesmo e de todos os envolvidos no assunto (ao menos era o que repetia para si), incapaz de perceber que seus atos eram movidos por um impulso de autonegação patética da finitude da vida.

Em meio a essa situação, somos apresentados ao núcleo muçulmano da novela, e aqui destaco o tio Ali, amigo de infância de Albieri, e que servirá de contraponto, contra-saber para as práticas do geneticista. Ali estará na trama como

¹⁰⁹ Idem, p.157.

a voz que aponta para os mistérios da Vida, para a imensidão do tempo e da existência, fazendo oposição ético-filosófica a tentativa da ciência de se “apossar” dos segredos da criação, de desvelar o enigma, de iluminar a Noite. Ali será a própria Noite, a angústia de Albieri, o olhar da Vida para si mesma em sua autonegação.

No último capítulo da trama, incapaz de lidar com o peso da sua criação e com as consequências de querer colocar tudo em nudez perante o sol, Albieri e Léo (o clone), acabam por, de forma poética, ser engolidos pelas areias do deserto, o que representa, de forma magistral, a pequenez patética da pretensa objetividade frente à imensidão da Vida invisível (representada pelo deserto).

Buscamos o exemplo da novela, para além de ser um dos principais produtos culturais do Brasil, pois na trama de O clone, temos representado o dilema enfrentado pela nossa civilização, mediante o inegável avanço da técnica, há algo que a ciência falha miseravelmente em objetificar, um saber que não lhe pertence e que, portanto, não lhe caberia tentar abarcar em sua busca por se tornar universalmente válida, esse saber, invisível por natureza, é o da Vida. Ocorre que a humanidade já encontrou o lugar depositário para esse saber, sem buscar, com isso, torná-lo visível. Ele manifesta-se no âmbito da cultura: da arte, da religiosidade, da filosofia e tendo a ciência a natureza e a pretensão que tem, ela acaba por relegar esses saberes a um lugar de primitividade, coloca-os em segundo plano, o que não é culpa da ciência por si mesma, mas, da própria Vida, da qual a ciência é uma manifestação, e que produz a ideologia da ciência.

A crença de que essa ciência galileana da natureza constitui o único saber possível, a única verdade, de modo que não exista qualquer outra realidade, como realidade verdadeira, isto é, real, a não ser o objeto dessa ciência, de modo que o próprio homem só é real a esse título, e que todo o saber que lhe concerne só pode ser um modo ou uma forma dessa ciência única. Aqui, uma ideologia – o cientificismo e o positivismo – tomou o lugar da ciência, mas é sob o olhar dessa ideologia que o mundo é doravante apreendido como mundo-da-ciência.¹¹⁰

Conforme Henry destaca, essa maneira de compreender o saber científico, que o faz universalizante e totalitário, é a ideologia que fomenta a barbárie, pois ela apaga, em seu movimento de pretensa verdade absoluta, os locais onde a Vida repousa e deposita sua infinita energia de ser: a cultura.

¹¹⁰ Idem, p. 164.

Semelhante situação, a saber, a condição ontológica da vida, não determina apenas os grandes projetos da cultura, por exemplo, a criação de mitologias como distanciação dos pavores e dos terrores originais, a poesia como “entrega” etc., ela habita cada necessidade, a mais modesta e a mais cotidiana. Essa necessidade também é um fardo não porque reverte determinada forma específica, porque é esta ou aquela necessidade natural, a de beber ou de comer, ou a necessidade sexual, mas devido à sua subjetividade, que a encarrega de si mesma até o insuportável dessa carga.¹¹¹

Desse modo, é a tentativa de autonegação da Vida, de tornar visível o invisível que projeta uma ciência que nega a cultura, a rebaixa para um saber de segundo escalão, “reduzindo-as a uma espécie de luxo inofensivo, a um jogo e a um espelho de ilusões.”¹¹²

Negada em seu meio de manifestação afetiva, a Vida exacerba-se em violência, expande-se em barbárie e, por fim, olha para si mesma com horror, daí, para negar a barbárie, sem com isso deixar de autonegar-se em seu sofrer primitivo, transfigura-se em indiferença e inaugura o reino da simulação. Evidentemente que, para isso, o primeiro passo a ser dado é o fim da violência, o aniquilamento, o grau-zero do poder: o nuclear.

2.5 “MINHA VIDA É UM *FLASH* DE CONTROLES, BOTÕES ANTI ATÔMICOS”¹¹³: GRAU-ZERO DO PODER, FIM DA ORGIA – DA BARBÁRIE À SIMULAÇÃO.

O título desta seção contém um fragmento da música Eva, do cantor italiano Umberto Tozzi, mais especificamente, da versão em português, interpretada pela banda Rádio Táxi. A letra da canção, composta nos anos 80, reflete o momento da guerra fria e pânico nuclear que se instaura, após as duas maiores potências da época conquistarem arsenal suficiente para, com um apertar de botão, aniquilar boa parte da humanidade e modificar a história como conhecemos. O advento das armas nucleares marcam o fim da era da violência e da barbárie, ele coroa o início da simulação e o aniquilamento do poder pelo próprio poder. Nesse sentido, todas as guerras travadas desde então, na análise de Baudrillard, já tinham seu fim antecedido “*The war abolishes itself in the technological test*”¹¹⁴. Em tom

¹¹¹ Idem, p. 153, grifo original.

¹¹² Idem, p. 164.

¹¹³ TOZZI, Umberto, 1983.

¹¹⁴ “*A guerra abole-se a si mesma no teste tecnológico*” (BAUDRILLARD, 1994, p. 59. Tradução nossa).

apocalíptico, a canção tematiza o fim da humanidade após uma catástrofe nuclear, "é o fim da odisséia terrestre" anuncia a letra, apontado para a realidade temida.

Evidentemente, não tivemos o apocalipse nuclear, contudo, o arsenal atômico reconfigurou a estrutura do poder, a segunda guerra mundial foi, provavelmente, a última guerra real travada pela humanidade, e por real, nos referimos a uma ideia de poderes opostos, ideologias em jogo, causas antagônicas e final incerto, por isso, ela coroa ao mesmo tempo que marca o início do fim da era da barbárie. Toda guerra travada a partir de agora, é uma guerra dentro da lógica do sistema, uma guerra que serve de atualização do mesmo ou de encenação do poder. O nuclear neutraliza paixões, dissolve impérios, anula ideais e torna a revolução uma utopia morta no século XX.

Nuclear suspension only serves to seal the trivialized system of deterrence that is the heart of media, of the violence without consequences that reigns throughout the world, of the aleatory apparatus of all the choices that are made for us.¹¹⁵

De certa forma, o nuclear, fruto da técnica objetiva, da era da ciência, pode ser compreendido como uma reação da Vida diante da barbárie de sua autonegação, uma forma dela anular-se a si mesma apaziguando sua própria violência, é a Vida dissuadindo a si mesma. Reafirmando que não carregará o peso de ser *pathos*. Foi a forma da Vida inaugurar a simulação, inaugurar a era do sistema de objetos tomando o lugar do sentido.

Mas, quem pretende, pelo contrário, reduzir a vida – e especialmente o indivíduo no qual ela se essencializa – a um elemento do sistema, submetida a suas leis e a sua estrutura, a não ser a vontade de negar a vida, o projeto se não suprimi-la materialmente em sua existência factual tomada pela de um ente, ao menos de negá-la em sua essência, negar o histórico transcendental no qual o Ser advém a si fora e independente de toda a exterioridade e do ente que há nela.¹¹⁶

O nuclear apaga, de certa forma, os ecos da cultura, dado que se configura como um meio de dissuasão e controle, ao mesmo tempo, simula uma era de paz e harmonia, a barbárie, ficou para trás, coisa do turbulento século XX e suas ideologias radicais. Agora, falamos uma só língua, vivemos uma só racionalidade, estamos sob um só sistema. O poder já viveu sua orgia – palavra suja,

¹¹⁵ "A suspensão nuclear serve apenas para selar o banalizado sistema de dissuasão que é o cerne da mídia, da violência sem consequências que reina em todo o mundo, do aparato aleatório de todas as escolhas que são feitas por nós." (Idem, p.32. Tradução nossa).

¹¹⁶ HENRY, 2012, p. 166.

humanamente suja e pouco razoável, nada racional, nada objetiva – agora, vivenciamos a plena democracia. Viva!

Mas o poder reage a si mesmo, assim como a Vida, ao autonegar-se. A violência retorna, entretanto, como agora não pode mais ser violência real, no sentido de transformar radicalmente as coisas, ela regressa como terror, terrorismo (a simulação da violência), a violência hiper-realizada, que busca da mesma forma que as demais estruturas da simulação, ser simulacro, modelo de um modelo, referencial de um referente já perdido.

O terrorismo, no fundo, não tem sentido e não se pode medi-lo pelas suas consequências “reais”, políticas e históricas. Paradoxalmente, por não ter sentido, é que provoca acontecimento num mundo cada vez mais saturado de sentido e de eficácia.

[...]

Contrapoder viral às voltas com a potência mortal do sistema. Poder de desafio a uma globalização totalmente solúvel na circulação e no comércio. Poder de uma singularidade irreduzível, mais violenta na medida que o sistema amplia sua hegemonia.¹¹⁷

Novamente o fracasso monumental da vida de autonegar a si mesma em sua condição patética, não é coincidência as duas torres ocorrerem justamente quando a era da simulação desenvolvia-se a passos largos. Evidentemente, que esse atentado não foi o suficiente para sairmos do sistema, já que ele absorve tudo, até mesmo a tentativa de sua destruição, daí sua força.

Com o terror destilado por toda parte – o sistema acabando por aterrorizar a si mesmo sob o signo de segurança total – tem-se a vitória do terrorismo. Se a guerra virtual já tinha sido vivenciada pela potência mundial, restando apenas a confirmação da real, é o terrorismo quem ganha no plano simbólico por meio do advento da desordem generalizada. [...] provocando uma coalizão de todos os poderes, democráticos, liberais, fascistas ou totalitários, espontaneamente cúmplices e solidários na defesa da ordem mundial. Todos os poderes contra um só *alien*.¹¹⁸

A única violência cabível na era da simulação é a violência do terror, e conforme compreendemos na era da barbárie, a violência é uma forma da Vida manifestar-se diante de sua autonegação, ela é um modo da Vida, onde ela “se realiza de forma grosseira, frustrada, rudimentar – inculta, precisamente, por oposição às formas elaboradas”.¹¹⁹

E assim, a Verdade do Mundo dissolve-se em simulação, os referenciais são aniquilados junto às formas de cultura, entramos na era da indiferença e da

¹¹⁷ BAUDRILLARD, 2007, p. 32.

¹¹⁸ Idem, p. 74.

¹¹⁹ HENRY, 2012, p.146.

reprodução do real no hiper-real. Nesse mundo, a total falta de lógica do mercado financeiro pode colocar-se como A lógica. Ainda, nesse mundo, os fluxos e signos virtuais e indiferentes à vida concreta, real, podem colocar-se como O real, por fim, nesse mundo, o ser humano é aquele amontoado de carne primitivo, ele transpira, ele adoce, ele se contradiz, é lento, pouco razoável, animalesco, finito. Sua salvação está na sua transfiguração em um ciborgue, na negação da carne condenada ao apodrecimento.

A vida perdeu-se na negação de si, porque não suporta a realidade de que a carne corta, sangra, queima, deseja, e, sim, apodrece. Então, simula uma realidade onde não existe a carne, nosso corpo vira o avatar, o sexo vira a pornografia, a linguagem vira o símbolo, e a existência parece ser eterna. Que realidade fantástica! Mais real que o real patético de uma vida em seu sofrer originário.

Há caminhos para a superação desse cenário? Caberia o niilismo já apresentado? Bem, a Vida segue dando sinais de sua insatisfação, como mostra o exemplo do terrorismo, sinais esses, que se configuram em uma forma deteriorada de vida. Se o que se busca é a transformação dessa realidade, ela deve vir por outro caminho, um caminho no qual a vida permita-se ser Vida em sua natureza patética e tal caminho, passa, necessariamente pela Carne.

3 “E O VERBO SE FEZ CARNE”¹²⁰ – ENCARNAÇÃO: O (RE)ENCONTRO COM A VIDA.

Observe a face turva
O olhar tentado e atento
se essas são marcas externas
Imagine as de dentro
A vida tem sido água
Fazendo caminhos esguios
Se abrindo em veios e vales
Na pele leito de rio...¹²¹

3.1 A ENCRUZILHADA.

O caminho que nos trouxe até aqui, interrompe-se em uma encruzilhada, na qual nos separamos de Baudrillard e adotamos a direção oposta.

Conforme observamos, durante as páginas que precederam este capítulo, nossa “realidade” atual construiu-se da seguinte maneira: partimos da ideia de sentido, a necessidade de dar às coisas e a nós mesmos uma razão. Essa ideia, como vimos, projetou-se na realidade através da verdade como Verdade do Mundo, o que indica um movimento depositário do sentido na objetividade, no esclarecimento, na visualidade, na racionalidade, em suma, no Mundo – externo, que-está-adiante; a verdade como Verdade do Mundo, instaurou o mundo da ciência e da técnica, que afastou a subjetividade e a Vida da produção do sentido e, assim, levou-nos diretamente aos braços da barbárie; a era da barbárie faz a Vida assombrar-se consigo mesma, dessa maneira, desemboca no niilismo do não sentido, que vai diretamente de encontro a era da simulação, onde nos encontramos hoje.

Seguindo a direção que Baudrillard tomou nessa encruzilhada, compreendemos que o problema todo que leva à simulação, é justamente a ideia de sentido, sendo assim, a saída que ele encontra é, ao invés de esperar o niilismo do não-sentido levar-nos para a simulação, antecede-lo. Para Baudrillard, a solução é um deslocamento do niilismo para a própria ideia de sentido, é ela que deve ser abandonada. Abandonando a ideia de sentido, não chegaríamos a barbárie e muito menos a simulação. Ou seja, Baudrillard argumenta, ao final de seu livro, que o sentido é mortal “*meaning is mortal*”¹²², ora, o que ele está querendo dizer com isso é que, o destino da busca pelo sentido é o reino das aparências, que destruído,

¹²⁰ BÍBLIA DE JERUSALÉM, João 1: 14, 2002

¹²¹ SOARES; PITY, 2017.

¹²² “O sentido é mortal” (BAUDRILLARD, 1994, p.163. Tradução nossa).

sucumbe no reino da simulação. Uma representação gráfica pode nos auxiliar a compreender essa tese:

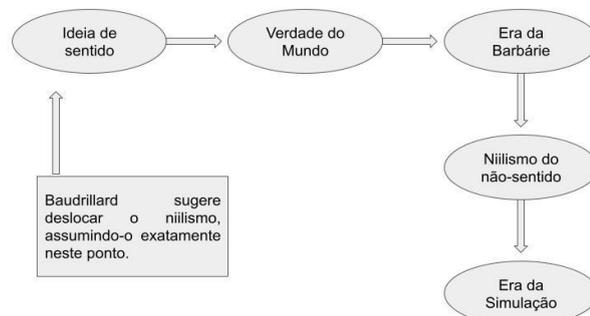


Figura 1.

Acompanhamos a tese de Baudrillard sobre estarmos vivendo na era da simulação, e acrescentamos que a mesma desenvolve-se a partir da barbárie promovida pela autonegação da vida. É a partir desse ponto, que nos separamos e seguimos uma nova direção nessa encruzilhada.

Defendemos que, assumir o nihilismo frente à ideia do sentido, não seria um caminho para a saída da simulação, mas, sim, para a instauração de um certo cinismo frente à realidade, que levaria o ser humano à negação dos valores mais nobres perante a Vida e, por conseguinte, a negação da própria Vida. No lugar de uma pretensa liberdade, negar o sentido nos levaria novamente para a era da barbárie, que em um movimento circular e vicioso, encontraria sua redenção, mais uma vez, na simulação, uma simulação cada vez mais forte e imprevisível.

O que defendemos, em um movimento de recusa e renovação, à luz da fenomenologia, é justamente a manutenção da ideia de sentido, contudo com um novo olhar sobre o local onde ela é depositada, mais ainda, um olhar sobre o seu local de origem. A ideia de sentido, ao nosso ver, é uma ideia que nasce da Vida, enquanto Vida originária e deve encontrar seu pilar de sustentação também na Vida, enquanto Carne. Aqui, uma nova imagem se faz necessária:

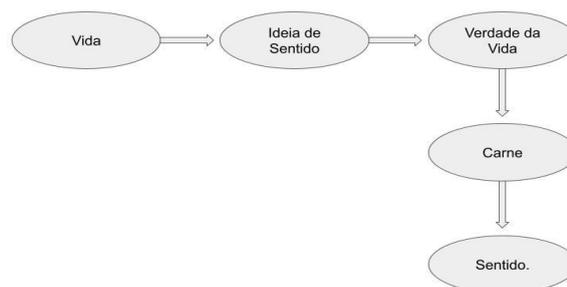


Figura 2.

Vida, acreditamos ser a chave para uma solução ao problema da simulação, sem que voltemos ao impasse de Baudrillard. Assim sendo, o presente capítulo será sobre a defesa da presente tese: de que chegamos na era da simulação em decorrência da verdade assumida como Verdade do Mundo, portanto, a superaremos pelo deslocamento da verdade e sua assunção como Verdade da Vida.

Mas o que compreendemos por Verdade da Vida? Mais especificamente: o que compreendemos por Vida? Como redirecionar nossos esforços para este reencontro com a Vida? São algumas questões que buscaremos responder nesse capítulo, que se dará na Vida, pela Vida e rumo à Vida, lá, nos reinos do Invisível, onde a coroa repousa sobre a Vida.

Eis a nossa escolha, eis a direção tomada a partir da encruzilhada. O niilismo não nos cabe, não deveria caber, pois se estivermos no caminho certo, a essa altura, já se faz evidente que ele é apenas uma manifestação da patética tentativa de autonegação da Vida.

3.2 DA VIDA À VIDA.

Até o presente momento, mencionamos o conceito “Vida” sem nos determos muito nele, o que não indica uma desatenção ao mesmo, visto que é um conceito fundamental para a compreensão da tese que aqui vem sendo defendida. Ocorre que, para chegarmos propriamente dito na conceitualização de Vida e, portanto, na própria tese que defendemos, buscamos, antes de mais nada, argumentar sobre a realidade na qual nos inserimos, de modo que, já de posse desta argumentação, se fará muito mais evidente que, na realidade da simulação, bem como na da barbárie, foi a Vida que esqueceu-se de si, e um retorno a ela é imprescindível.

Entretanto, importa-nos mais uma coisa: sempre que nos referimos, ao longo dos capítulos anteriores, à Vida, deixamos como marca a inicial maiúscula, indicando que o conceito empregado é um tipo de Vida distinto do que compreende-se por tal palavra. Ocorre que, ao falarmos de vida, tendemos, dentro da Verdade do Mundo, a pensar na vida biológica, contudo, a Vida que aqui nos interessa é a Vida fenomenológica.

Mas qual é a diferença? Existe realmente alguma diferença? O conceito de vida biológica deve ser abandonado? Se sim, que espécie de Vida seria essa, tomada como Vida fenomenológica?

Para respondermos tais perguntas, fundamentais no avanço de nossa argumentação, uma observação se faz pertinente, caso não tenhamos deixado suficientemente claro até o presente momento: Este trabalho não é uma cruzada contra a ciência, o pensamento científico, a objetividade e a racionalidade. Assim como o pensamento de Henry, que usaremos neste capítulo, não nega as conquistas do mundo científico e os avanços por ele gerados. Também não acreditamos ser o pensamento de Baudrillard uma filosofia anti-ciência, uma pseudociência ou um negacionismo puro e simples. A crítica aqui desenvolvida e trabalhada, cada um ao seu modo, pelos autores principais que embasam essa pesquisa, é a crítica a um modelo de ciência, a um modelo de vida, a um modelo de filosofia e conhecimento.

Deste modo, quando falamos em Vida, de modo a opor-se diretamente à vida, estamos apenas atentando para um fato: o método científico desenvolvido até nossos tempos, que sustenta boa parte do pensamento, é um método absolutista e totalitário, o qual busca tornar a ciência o único pensamento relevante, relegando aos conhecimentos próprios da Vida o espaço de marginalidade. À vista disso, é a ciência que surge da autonegação da Vida fenomenológica que buscamos criticar. Evidentemente que, por surgir da autonegação da Vida fenomenológica, ela pauta-se em colocar, no seu lugar, um tipo de vida que negou o autossofrer da Vida originária: a vida biológica. Doravante, quando utilizarmos o termo vida, estaremos nos referindo justamente a esta vida biológico-química, ao passo que, ao utilizarmos Vida é à Vida fenomenológica que nos remetemos.

Vale lembrar que, estamos na trilha da fenomenologia, o que implica que, nosso caminho é percorrido pelos movimentos de recusa e renovação. Nessa altura, registramos: o que recusamos – a vida, reduzida a elementos bioquímicos; o que buscamos renovar – a Vida, inscrita sobre a Carne, autoafetada por si e em si primordialmente em tonalidades afetivas que se registram como *pathos*, subjetividade radical.

a própria Vida, remete a uma condição mais fundamental, à essência mesma do “viver” – seja a um modo de revelação cuja fenomenalidade específica é a carne de um *páthos*, uma matéria afetiva pura, de que está radicalmente excluída toda cisão, toda separação. É unicamente porque tal é a matéria fenomenológica de que é feita esta revelação, que se pode

dizer que nela se revela e o que é revelado não constituem senão algo uno. É esta substância fenomenológica patética do viver o que define e contém toda “realidade” concebível.¹²³

Henry está aqui registrando o ponto de virada necessário e fundamental de uma pretensa fenomenologia da Vida, trata-se de conceber a Vida como doadora radical de toda “realidade”, de todo o sentido, uma Vida que se revela como afetividade e subjetividade¹²⁴ pura e cessa qualquer ideia de cisão entre um pensar e um sentir, uma mente e um corpo, um *páthos* e um *logos*. Ora, se somos Vida, somos uno, somos Carne, ser Carne, então, é ser um Ser vivente que afeta e é afetado a si mesmo e em si mesmo. Nos revelamos a nós, primordialmente, não como pensamento, mas como afeto, puro afeto.

A autorrevelação da Vida não é uma estrutura formal concebível a partir do “fora de si” e de suas próprias estruturas, encontrando-se estas ultrapassadas, superadas, conquanto conservadas nesse próprio ultrapassamento. A autorrevelação da Vida é sua fruição, a autofruição primordial que define a essência do viver e , assim, a de Deus mesmo.¹²⁵

Portanto, aqui estamos falando de uma Vida primordial que não se manifesta no visar do Mundo, não se manifesta como representação, não se pensa, mas se sente. É aqui que registramos o afastamento da Vida da vida, pois a ideia de uma vida insere-se na visão redutora do ser humano ao total não sentido, uma visão limitante e limitada que busca, em última instância, negar o eterno autofruir da Vida nela mesma.

De que vida falamos aqui? Que força é essa que se mantém e cresce continuamente? De modo algum a vida que constitui tema da biologia, o objeto de uma ciência, suas moléculas e partículas que o cientista procura atingir por intermédio de seus microscópios, cuja natureza ele elabora mediante procedimentos múltiplos, para construir laboriosamente um conceito cada vez mais adequado e cada vez mais sujeito a revisão.¹²⁶

Não nos cabe o registro da vida colocada às claras pela ciência, pois é justamente essa vida, em sua versão degradada e degradante, que inaugura a visão de ser humano como um amontoado de órgãos, tecidos e células que estariam,

¹²³ HENRY, 2015, p. 49.

¹²⁴ A subjetividade em Henry se registra sobre uma profunda ipseidade, e aqui, cabe em suas palavras, a definição desta interioridade pura na qual nos referimos: “Iipseidade designa o fato de ser si mesmo, o fato de ser um Si. Na medida em que se produz uma Vida real (e não simplesmente ‘ideia’ ou simplesmente ‘conceito’ de vida), na medida em que a experiência em si da Vida é ela mesma uma experiência real efetivamente experimentada e vivida e a este título inevitavelmente singular, a ipseidade em que ela advém é ela mesma, enquanto Ipseidade efetivamente vivida, uma Ipseidade singular. É um Si singular e real – o Primeiro Si Vivente gerado pela Vida como este em que ela se experimenta e se revela a si mesma neste Si”. (HENRY, 2014, p.33). Portanto, subjetividade aqui é autoexperienciar-se a Si mesmo enquanto Si vivente na Vida.

¹²⁵ Ibidem.

¹²⁶ HENRY, 2012, p.26.

inevitavelmente, no caminho do desaparecimento, do apodrecimento, do fim amargo de uma vida sem sentido, sem beleza, sem mistério. Reduzir a Vida à vida, portanto, é abrir espaço para o desenvolvimento de uma técnica que não toma, de forma nenhuma, o chamado ético e o visar o outro de forma a ter um profundo senso de responsabilidade por esse outro.

Uma carne esvaziada de Carne, e, aqui, registra-se novamente a diferenciação que buscamos atingir: a carne é apenas esse amontoado de partículas fadada ao apodrecimento; a Carne, por sua vez, é a estrutura viva da Vida que sangra, corta, deseja, arrepiase e registra a angústia do autossofrer originário, do *páthos*. É a Carne do Verbo que foi crucificada e sangrou para que tivéssemos Vida, Vida em abundância. “Pois a vida se sente e se experimenta a si mesma, de modo que não há nada nela que não experimente e não sinta.”¹²⁷

Deste modo, a biologia em sua limitação instaurada na Verdade do Mundo é uma – apenas uma – forma de Vida, nunca A Vida, nunca a totalidade do saber sobre a Vida.

Michel Henry irá buscar um registro da Vida que, segundo ele, insere-se no cristianismo a Vida que ele toma deve ser registrada como essa tonalidade afetiva originária, esse registrar que “se revela somente na imanência pura, não há vida sem essa dimensão radical”.¹²⁸

Por sua essência fenomenológica, porque ela é, assim, Verdade, manifestação pura, revelação, a Vida de que fala o cristianismo difere inteiramente do objeto da biologia. O que caracteriza este último – trata-se de neurônios, de corrente elétrica, de cadeias de ácidos, de células, de propriedades químicas ou ainda de seus últimos constituintes, que são as partículas materiais.

[...]

Cristo ignorava tudo das descobertas sensacionais da biologia do século XX. Em todo o caso, o discurso que ele professa sobre a vida absolutamente não leva em conta essas descobertas. Quando ele declara, numa palavra à qual teremos de voltar: “Eu sou [...] a Vida...” (João 14,26), não quer significar que ele é um composto de moléculas.¹²⁹

Henry vai afirmar que “o que ensina Cristo concernente ao que há de mais essencial no homem e sua pretensa relação com o absoluto procede da ignorância”.¹³⁰ Ora, mas qual ignorância? justamente a ignorância da vida, pois a Vida que nos ensina Cristo, é a Vida fenomenológica, a Vida primordial.

¹²⁷ Idem, p. 26/27.

¹²⁸ FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 83.

¹²⁹ HENRY, 2015, p. 54/55.

¹³⁰ Idem, p.55.

Essa Vida que ensina Cristo é uma Vida que não deixa de lado a sensibilidade, não nega o sentir, o experimentar a si mesmo. É uma Vida radicalmente subjetiva e imanente, que se revela no autossentir a si mesmo. Nesse sentido, a Vida que nos ensina Cristo é uma Vida que a biologia ignora, que a ciência nada sabe, nem pode saber, pois não se dá no Mundo, mas na Carne; “a biologia não encontra nunca a vida, não sabe nada dela, não tem dela nem sequer a menor ideia”.¹³¹ E assim o é, pois “*na biologia não há vida, não há senão algoritmos*”¹³².

Dessa maneira, escancara-se uma verdade cruel de se constatar: “apesar dos progressos maravilhosos da ciência – ou antes, por causa deles –, é hoje que se sabe cada vez menos da vida(...) *já não se sabe nada dela, nem sequer que existe.*”¹³³

Já realizamos um exaustivo trabalho, ao longo dessas páginas, sobre os motivos que levaram a ciência a afastar-se cada vez mais da Vida até a absoluta negação, agora, compreendemos que, ao afirmarmos tal afastamento, nos referimos especificamente à Vida originária, fonte do sentido. Entretanto, tal saber sobre a Vida manifesta-se no terreno apartado do terreno da ciência que é o do mundo:

Os próprios biólogos sabem o que é a vida. Eles não o sabem enquanto biólogos – uma vez que a biologia não sabe nada do assunto. Eles o sabem como todos e cada um, na medida em que também eles vivem, em que amam a vida, o vinho, as mulheres, lutam por um lugar, fazem carreira, experimentam eles também a alegria das partidas, dos reencontros, o tédio das tarefas administrativas, a angústia da morte. Mas essas sensações e essas experiências ou provas que são epifanias da vida, não são aos seus olhos senão “pura aparência”.¹³⁴

A Vida é tomada como aparência por não se captar na objetividade do Mundo, por não se deixar representar, por não se deixar reduzir matematicamente, algoritmicamente, logicamente, maquinicamente, sistematicamente ou tecnicamente. É, portanto, insuportável a qualquer tentativa de representação e a faz encarar diretamente o seu fracasso, porque “a Verdade da Vida é irredutível à Verdade do Mundo, de maneira que jamais se mostra nele”.¹³⁵

¹³¹ Idem, p. 59.

¹³² Ibidem. (itálico do autor).

¹³³ Ibidem. (itálico do autor).

¹³⁴ Idem, p. 60.

¹³⁵ Idem, p. 62.

Por conseguinte, resta-nos a saída da técnica, que assume no lugar da Vida, a vida e por consequência, acaba em barbárie e simulacro ou pela via que buscamos atingir: a recusa na redução da Vida, e a busca por sua renovação, seu (re)encontro consigo mesma. Porém, a Vida é por essência, invisível, logo, o caminho para ela está registrado não na fenomenologia do ver, do aparecer, da intencionalidade. Ela registra-se em um ponto de virada, no limite de toda a fenomenalidade. É no terreno do invisível que deveremos seguir, em uma fenomenologia do invisível.

3.3 O INVISÍVEL, OU A FENOMENOLOGIA DO INVISÍVEL.

“O mundo é o reino do visível; a vida, o reino do invisível, ao mundo pertence tudo o que é suscetível de aparecer diante de um olhar, de se dar um espetáculo numa ‘luz’ que é o próprio mundo.”¹³⁶ É fundamental compreendermos que, em sua proposta de método fenomenológico, Henry irá promover um deslocamento do Ego como condição do aparecer, ou seja, da intencionalidade, da consciência, para depositá-la na Vida primordial, que, por sua vez, não se mostra, não se objetiva e nem se representa, ou seja, é essencialmente invisível. Essa Vida, no entanto, revela-se na Carne, na Encarnação do logos, do Verbo: “*a Encarnação do Verbo é sua revelação, sua habitação entre nós.*”¹³⁷

3.3.1 A ilusão do primado do mundo como referente.

O movimento que Henry realiza é um deslocamento, no qual ele vai do *logos* da tradição, que prioriza o ver, o representar, o Mundo, em direção a Carne que é afetividade pura, Vida. A condição do fenômeno, do manifestar, do aparecer está de acordo com a tese Henryana, depositada nos limites da visibilidade, justamente no reino do invisível que é a Vida. A Encarnação, que seria a condição necessária ao aparecer, não provém do externo, mas de Si mesma: “a carne do Verbo não provém do limo da terra, mas do próprio Verbo. É dele mesmo, nele mesmo e por ele mesmo que ele se fez carne.”¹³⁸ Essa constatação marca o ponto de virada fenomenológica de Henry, que vai nos direcionar para os domínios do invisível e abrir espaço, com isso, para uma fenomenologia do invisível:

¹³⁶ HENRY, *apud*, FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 107.

¹³⁷ HENRY, 2013, p. 28.

¹³⁸ *Idem*, p. 31.

Enuncia-se assim uma definição de homem inteiramente nova, tão desconhecida da Grécia quanto da modernidade: *a definição de um homem invisível e ao mesmo tempo carnal – invisível enquanto carnal.*

[...]

Viver quer dizer experimentar-se a si mesmo. A essência da vida consiste nesse puro fato de experimentar-se a si mesmo, do que ao contrário se encontra desprovido tudo o que decorre da matéria e mais geralmente do “mundo”.¹³⁹

Henry chegará neste ponto de virada, ao perceber a aporia do método fenomenológico, uma vez que, constata: a fenomenologia é a ciência que investiga o ato de aparecer, não o que aparece, e ela engendra-se em contradição justamente quando interrogada, ao constatar o aparecer, sobre condição desse, ou seja, do aparecer do próprio aparecer. Segundo Henry, ao ser questionado sobre, “as pressuposições da fenomenologia permanecem totalmente indeterminadas”.¹⁴⁰

Ocorre que, ao tentar situar a condição do aparecer, logo, a condição da doação de sentido em um externo, um mundo que se manifesta como horizonte de uma consciência, nos inserimos na ilusão da Verdade como Verdade do Mundo, inauguramos a era da objetificação, da exterioridade, da luz, da ciência, da iluminação, e com isso, caímos na ilusão que compreendemos como a do primado do mundo como referente:

Com esse pôr fora de si da impressão, nasce a grande ilusão do “mundo sensível”, e ela é dupla. Em sua primeira faceta, consiste em crer que a verdade impressional, sensual e, pois, “sensível” se encontra efetivamente no mundo onde ela se mostra a nós a título de qualidade objetiva do objeto. A segunda forma dessa ilusão, de que procede a primeira, é atribuir à intencionalidade que lança fora de si e finalmente a este “fora de si” que é o aparecer do mundo a revelação original da impressão.¹⁴¹

Sendo assim, é dessa ilusão que nasce toda a ideia de Verdade do Mundo e que se começa a trilhar o caminho que nos levará diretamente a era da simulação, iniciada, justamente, no ponto de derrocada dessa ilusão a partir da destruição do reino das aparências e a constatação amarga que a própria objetividade possui raízes em uma aparência.

entregue ao aparecer do mundo para se mostrar nele a título de qualidade do objeto, a impressão não só é arrancada de seu lugar original, mas é simplesmente destruída. Pois não há impressão possível (e, assim, possível objetivação ulterior dessa impressão) se ela não toca a si em cada

¹³⁹ Idem, p. 33.

¹⁴⁰ Idem, p. 43. (não realizaremos aqui um exaustivo trabalho de demonstrar as contradições que a fenomenologia cai ao tentar buscar as condições do aparecer, acreditamos que é uma temática suficientemente ampla, e demandaria muito mais do que as páginas deste trabalho permitem, portanto, indicamos a leitura da primeira parte da obra Encarnação de Michel Henry, intitulada: “A inversão da fenomenologia”).

¹⁴¹ Idem, p. 76.

ponto do seu ser, de modo que, nesse estreitamento original consigo, ela se autoimpressiona e seu caráter impressional não consista em nada além dessa impressionabilidade primeira que não cessa.¹⁴²

Registra-se, aqui, a necessidade teórico/metodológica de realizar-se esse ponto de virada fenomenológica, ou seja, se faz necessário, na tentativa de seguir na trilha da fenomenologia, ir até onde, na própria suspensão fenomenológica, o aparecer mostra-se limitado e, com isso, chegar às condições mesmas desse aparecer. Paradoxalmente, em uma ciência que busca o desvelar dos fenômenos, que se insere justamente no registro da fenomenalidade (naquilo que aparece), encontramos as ferramentas necessárias para tornar manifesto o que não se mostra.

É preciso, no entanto, entender que “tornar manifesto” não significa trazer ao mundo, pois o invisível não se mostra no mundo, portanto, uma fenomenologia do invisível irá atentar não para o aparecer da Vida no mundo, pois esse nos leva, conforme já mostrado, a vida. A fenomenologia do invisível, como toda fenomenologia, busca um modo de aparecer, de se fazer fenômeno, que não se registra na visibilidade do mundo, ele registra-se como afetividade pura, como Carne.

3.3.2 Nos domínios do invisível.

O primeiro deslocamento que será necessário realizar, para adentrarmos nos domínios do invisível, é o da ideia de que nascemos para o Mundo. Henry, em sua teoria sobre o nascimento, irá atentar para o que ele chamará de um segundo nascimento, que precede o primeiro em originalidade. O segundo nascimento é o nascimento para a Vida, uma vez constatada que é ela (a Vida) o ponto originário de toda manifestação.

Nós nos habituamos a dizer que viemos e saímos do mundo (nascimento e morte). No entanto, nossa origem é na Vida, somos engendrados nela e por ela. Portanto, somos vida porque viemos Dela. E, curiosamente, esse fenômeno originário do aparecer se dá na invisibilidade e na passividade. Nem mesmo temos autonomia para escolher o que e como seremos. Somos escolhidos pela Vida que nos dá poderes para realizar o que ela nos propõe/impõe.¹⁴³

Ora, o que significa essa passividade e invisibilidade? Passividade significa puro *pathos*, puro autossentir, autofruir de si em si e para si. A Vida não se deixa

¹⁴² Idem, p. 77.

¹⁴³ FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 87.

dominar em seu autossofrer originário, ela é patética. Evidentemente que, por ser *pathos*, afetividade pura, ela não se mostra, não se racionaliza, não se objetiva, por isso, ela se dá na Noite, não no dia, não na visibilidade. “Eis como a revelação própria da vida se opõe ponto por ponto ao aparecer do mundo”.¹⁴⁴ É no terreno da subjetividade que a Vida manifesta-se, logo, ela nega a si mesma quando delimita o terreno da ciência como sendo o da objetividade, porque faz negar sua condição patética originária e nos ilude com um poder que julgamos vir do Ego, porém, que na realidade nunca foi poder algum, mas pura passividade originária na Vida. “Na verdade, a fenomenologia que parte da vida, faz um grande alerta para o conhecimento científico do quanto ela vem sendo tratada como um verdadeiro objeto e assim tira-se o primordial que é a dignidade de vivê-la bem.”¹⁴⁵

Portanto, o aparecer da Vida é distinto do aparecer do Mundo, pois ao ser um autoaparecer de si, em si e para si, é um aparecer invisível que se manifesta em pura imanência, em puro autossentir, autofruir, autossofrer: “a vida é uma dimensão da imanência radical”.¹⁴⁶

O invisível manifesta-se como *apelo*, nunca como representação, sendo assim, é uma *ipseidade* radical: “A vida me convoca (...) o apelo do invisível é a condição de possibilidade do visível concretizado na amizade, na solidariedade, na esperança, na crença no mundo e na vida.”¹⁴⁷

O manifestar-se do invisível nunca é uma intencionalidade, a ilusão de intenciona-lo apenas nos aparta deste, nos torna indiferentes ao mesmo, pois ao nos colocarmos na posição de poder, ação e domínio, negamos profundamente a realidade passiva da Vida, fechamos os olhos, os ouvidos, a própria Carne a esse apelo do invisível. “Assim, o mundo do pensamento torna-se visível, porque passa a ser visto como o ver da luz, ou o esforço de trazer a luz. As coisas e mesmo as pessoas são constituídas a partir da visibilidade, da exterioridade.”¹⁴⁸

À vista disso, é preciso o Silêncio da Noite para escutarmos o apelo do invisível, o Silêncio de quem se coloca passivamente para escutar: “o silêncio por si

¹⁴⁴ HENRY, *apud* FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 89.

¹⁴⁵ FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 90.

¹⁴⁶ HENRY, *apud* FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 95.

¹⁴⁷ FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 67.

¹⁴⁸ *Idem*, p. 93.

só é fecundo, pois fala coisas que a consciência não consegue acompanhar. Revela um conteúdo tão profundo que nenhuma luz (...) consegue desvelar os mistérios.”¹⁴⁹

É o apelo do invisível, a Encarnação do Verbo, o (re)encontro com a Vida que nos possibilita atentar para a mais profunda verdade, uma Verdade que se instaura nos registros da Vida e não do Mundo, uma Verdade que se traduz por responsabilidade e nega a indiferença: a Verdade da Vida, portanto, do Amor.

3.4 “TUDO O QUE MOVE É SAGRADO”¹⁵⁰ – SOMOS FILHOS DA VIDA.

Michel Henry vai ao cristianismo¹⁵¹ em sua busca pela manifestação do invisível, pelo doar-se da Vida e encontra, na Encarnação de Cristo “E o Verbo se fez Carne”, o aspecto central para o desenvolvimento de uma filosofia da Carne, uma filosofia do Cristianismo. Dessa maneira, há a necessidade de registrar-se de qual cristianismo Henry fala:

Existe um cristianismo próprio de Henry, pois, interpreta e elabora o pensamento original a partir da fenomenologia da vida. Ou melhor, dois pensamentos se encontram e formam-se assim, uma fenomenologia da vida originária lida e constituída a partir destas duas fontes. Sendo assim, afirmo que existe um método sobre o cristianismo de Henry, ou seja, deve ser interpretado a partir de uma perspectiva fenomenológica.¹⁵²

Mas por que irmos de encontro ao cristianismo de Henry? Bem, a resposta para isso pode ser entendida na ideia de que: “A interpretação que o autor faz sobre o cristianismo é muito importante porque visa mostrar uma concepção de ser humano.”¹⁵³ Ou seja, em última instância, o cristianismo fenomenológico de Henry, ou, a filosofia do cristianismo que ele desenvolve, registra uma antropologia; e é justamente a antropologia fenomenológico/cristã de Henry que nos interessa, pois é uma antropologia que parte, não do registro do mundo, mas da Vida. Importa-nos, nessa antropologia, a visão de ser humano como Filho, ensinada no cristianismo e lida como Filhos da Vida. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.¹⁵⁴

Somos Filhos da Vida, visto que nas palavras de Cristo, somos Filhos do Pai e “só há acesso a Cristo na Vida e, como o vimos, no processo pela qual a vida se

¹⁴⁹ Idem, p. 98.

¹⁵⁰ GUEDES; RIBEIRO, 1978. .

¹⁵¹ Definimos, com os devidos cuidados que, ao pensar qual cristianismo é o de Henry, que se trata do “Cristianismo do Henry”, acreditando em uma abordagem muito própria do cristianismo realizada pelo fenomenólogo, entretanto, é válido ressaltar suas claras inspirações Joaninas, em suas palavras? “examinando a palavra de João...” (HENRY, 2014, p.23).

¹⁵² FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 106.

¹⁵³ Ibidem

¹⁵⁴ BÍBLIA DE JERUSALÉM, João 14: 6, 2002

engendra eternamente experimentando-se a si mesma na Ipseidade essencial do Primeiro Vivente.”¹⁵⁵ Henry irá prosseguir anunciando a afirmação central do cristianismo no que concerne ao homem, desse modo, o ponto nevrálgico de uma antropologia inscrita na Vida:

A afirmação central do cristianismo no que concerne ao homem é, pois, que ele é filho de Deus. Esta definição rompe de modo decisivo com as representações habituais de homem, seja no senso comum, a da filosofia, a da ciência, isto é, da ciência moderna, mas também com a maioria das definições religiosas.¹⁵⁶

O que revela essa condição de Filho? Qual é o impacto de tal revelação, que se faz tão profunda ao ponto de modificar toda a antropologia do mundo e fornecer o ponto de virada para uma antropologia da Vida? Ora, é uma revelação do homem que resiste a toda redução, a toda negação da Vida, resiste a todo rebaixamento e objetificação do ser humano. Ao deslocar a concepção de humano da objetificação e situá-lo como Filho, o cristianismo está apontando justamente para o segundo nascimento do ser humano na Vida.

Definindo o homem como filho, o cristianismo desqualifica já desde o início toda a forma de pensamento – ciência, filosofia ou religião – que tome o homem por um ser do mundo, e isso em sentido ingênuo ou crítico. Filho, com efeito, não há senão na vida. A análise fenomenológica rigorosa da vida mostrou que esta é em si estranha ao mundo.¹⁵⁷

É aqui, ao colocar-nos na condição de Filho, que o cristianismo aponta para a Verdade da Vida como pura imanência “na carne patética desta experiência de si da vida, nenhum outro mundo se mostra, nada que revista o aspecto de um 'lá fora'”.¹⁵⁸ Somos então Vida, interioridade pura, Carne originária, uno. Portanto, “a antítese entre o sensível e o inteligível e a valorização ou condenação de um ou de outro são totalmente estranhas ao cristianismo”.¹⁵⁹

Na Vida, doravante, não há espaço para a barbárie, nem para o niilismo ou a simulação, pois não existe, propriamente dito, um ser humano cindido, uma realidade cindida. Não há sensível e inteligível, realidade ou aparência, subjetivo ou objetivo. Há apenas uma realidade: a realidade da Vida. “A essa substituição radical de um modo de verdade por outro procede o cristianismo ao pôr o homem como

¹⁵⁵ HENRY, 2015, p. 131/132.

¹⁵⁶ Idem, p. 137.

¹⁵⁷ Idem, p. 140.

¹⁵⁸ Idem, p. 141.

¹⁵⁹ Ibidem.

filho. Desde esse momento, é a partir de seu nascimento na Vida que o homem deve ser compreendido.”¹⁶⁰

Essa compreensão do ser humano como Filho, muda radicalmente o modo de doação, de manifestação da Vida, a partir do momento que tal Verdade da Vida se revela, é que constata-se que: “a Vida tem o mesmo sentido para Deus, para Cristo e para o homem, e isso porque há uma só e mesma essência da Vida e, mais radicalmente, uma só e única Vida.”¹⁶¹

Não há Carne no mundo, é o que concluirá Henry, pois a Carne não é exterioridade. Ou seja, o ser humano não se inscreve mais como ser natural, como coisa, como objeto. Mas, também, não se inscreve mais como ser transcendental, consciência, Ego que representa o mundo, que o faz imagem. No Mundo tomado como Verdade, como “horizonte de significações” não é possível nenhum viver, ao menos nenhum viver legítimo, enquanto Vida. E aqui, revela-se uma verdade ética fundamental: “É impossível tocar esta carne sem tocar a outra carne que fez dela uma carne. É impossível ferir alguém sem ferir a Cristo.”¹⁶²

A partir daqui revela-se a Verdade fundamental de toda fenomenologia da Vida, da Carne: o outro é irreduzível a mim mesmo, pois é Carne, é Vida, é *pathos*. Eu sinto, eu sofro, eu experimento a mim mesmo em meu autossofrer patético que é a Vida, assim sendo, o outro, que também é Filho, que também é Carne, também experimenta a si mesmo em seu autossofrer que não se objetifica, não se reduz.

Eu sou sagrado, pois sou Filho, o outro é sagrado, pois é Filho. Deixemos o poeta expressar-se:

Tudo o que move é sagrado
E remove as montanhas
Com todo o cuidado, meu amor
[...]
Todo dia é de viver
Para ser o que for
E ser tudo
Sim, todo amor é sagrado
E o fruto do trabalho
É mais que sagrado, meu amor.¹⁶³

¹⁶⁰ Ibidem.

¹⁶¹ Idem, p. 145.

¹⁶² Idem, p. 167.

¹⁶³ GUEDES; RIBEIRO, 1978.

Não sendo passível de redução, habitando o invisível e fazendo-se Carne, portanto: “Nossa ipseidade não é dada por nós mesmos: ela pressupõe a relação com uma alteridade resistente a toda apropriação. Ela pressupõe o amor.”¹⁶⁴ Qual amor? Ora, o amor que Cristo nos ensinou, o amor que se fundamenta nas suas palavras, quando reverbera: “que vos ameis uns aos outros. Como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros.”¹⁶⁵ É na radicalidade ética do amor que me interpela, que me revela o outro como Carne, que retomo a Vida em mim e a Vida no outro, que retomo o respeito radical pela Vida, e com isso, impossibilito-me de negá-la, impossibilitando, logo, sua autonegação.

3.4.1 “Porque estive nu...” – um olhar para a Carne.

O apelo que me interpela e faz com que, saindo de minha condição de autonegação da Vida, possa partir para a condição plena de Filho da Vida, é o apelo revelado na *cáritas*, no amor ao meu próximo que não o reduz a mim, mas o compreende como alteridade radical, como Vida, como imanência radical.

Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me acolhestes Estive nu e me vestistes, preso e viestes ver-me. Então os justos lhe responderão: ‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer ou com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver? Ao que lhes responderá o rei: ‘Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes’.¹⁶⁶

Compreender a essência da manifestação na Vida, compreender-se como Vida é abrir margem para a compreensão do outro como radicalmente outro, como alteridade, como Vida. A Verdade da Vida interpela-nos, atravessa-nos em uma radicalidade profundamente impactante, a qual não nos cabe mais o direito de manter-se apático, cínico, neutro. O nihilismo se esvai como cinzas ao vento a partir da radical constatação de que o sentido reside fundamentalmente na Vida, porque é Vida, porque vem da Vida e para a Vida retorna.

É o apelo do invisível que nos coloca de joelhos frente à patética constatação de nossa realidade humana, demasiado humana. Uma realidade que não suporta a si mesma enquanto nega a si, uma realidade que, nas ruínas da barbárie tem a chance de voltar-se para si, reconhecer-se como Carne, (re)encontrar-se consigo

¹⁶⁴ FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p. 69.

¹⁶⁵ BÍBLIA DE JERUSALÉM, João 13: 34, 2002.

¹⁶⁶ Idem, Mateus 25: 35-40, 2002.

mesma enquanto sagrada, e sagrada porque Vida, e Vida porque Carne, e Carne porque Filho, e Filho porque nascido da Vida, portanto, ético, e ético porque “constituído por uma relação com o invisível, isto é, por um fazer teórico que não recusa o Desejo.”¹⁶⁷ Ético, pois olha para o outro e Vê o outro como um outro radical, da mesma forma que olha para si e Vê um si como Vida, o que possibilita o sofrer e o alegrar-se com e pelo outro na Vida compartilhada de Filhos.

E o que cabe ao mundo?

Retirado de seu falso lugar de representação, de horizonte do visar, de verdade do Mundo e de objetividade, o Mundo torna-se um lar, o lar da Vida Encarnada, pois: “o Verbo se fez Carne, e **habitou** entre nós”.¹⁶⁸

Ser Vida, ser Carne é habitar o mundo, não o representar ou objetificar, mas torná-lo lar, preenchê-lo com o que significa a Vida, que a dá sentido. Além disso, um lar não é preenchido por objetos, mas por coisas que nos significam, o Mundo como habitação, é preenchido pela Cultura, no qual a Vida realiza-se. Ele tem que ser o lugar para onde podemos retornar quando a Vida se faz esquecer em autonegação, o lugar seguro onde recordaremos a Vida, em uma peça de arte, em uma pequena igreja na comunidade, em uma praça do bairro, nas casas tombadas como patrimônio, nos barzinhos, onde sentamos em mesas dispostas na calçada feita das pedras que o tempo faz desbotar, porém preserva uma certa beleza. Deixemos novamente o poeta falar:

Son sometimes it may seem dark
But the absence of the light is a necessary part
Just know, that you're never alone
You can always come back home.¹⁶⁹

A barbárie, o niilismo, a simulação nascem a partir do momento em que o lar torna-se apenas um lugar no espaço/tempo, indiferente. Quando a cidade transfigura-se em arranha-céus cinzas, funcionais, espelhados, quando os museus dão espaço aos shoppings, a pequena igreja da comunidade transforma-se em ruína, a biblioteca se faz abandonada, a praça deteriora-se lentamente, os monumentos são vandalizados, no momento em que a Vida torna-se vida, a Carne

¹⁶⁷ FABRI; GRZIBOWSKI, 2022, p.58

¹⁶⁸ BÍBLIA DE JERUSALÉM, João 1: 14, 2002

¹⁶⁹ “Filho às vezes pode parecer escuro

Mas a ausência da luz é uma parte necessária

Apenas saiba, que você nunca está sozinho

Você sempre pode voltar para casa.” (MRAZ; DALY; NATTER, 2012. Tradução nossa).

transfigura-se em carne, o ser humano esquece a si mesmo em sua condição de Filho e o mundo se faz um lugar hostil.

Recusa! Recusa a destruição do nosso lar onde a Vida habita. Recusa radical e grito, grito contundente que se diz: Renovação! Há esperanças para o sentido, quando se sabe de onde é originário.

3.5 “ATRÁS DOS MISTÉRIOS QUE SEMPRE BUSCOU.”¹⁷⁰

É preciso, mais uma vez, porque somos Vida, deixar o poeta falar:

Dezembro vai, janeiro vem
O tempo passa veloz como um trem
No rádio a notícia, um amigo se foi
Atrás dos mistérios que sempre buscou
Mais uma pra estrada, mais um fim de show
Ao som das guitarras do bom rock 'n' roll
O tempo traz suas lições
E as grava em nossos corações
Contando a história, assim como foi
Mostrando os caminhos que irão nos levar
Como se fosse o rio correndo pro mar
Como se fossem pedras no rio a rolar
Assim os dias passarão
Virão as novas gerações
Outras perguntas, prováveis canções
Outro mundo, outra gente, outras dimensões
E na hora marcada, em algum lugar
Uma estrela virá pra lhe acompanhar¹⁷¹

Nos encontramos no final da jornada que se iniciou com o cruel diagnóstico: “*There is no more hope for meaning*”, percorremos a Noite, encaramos o abismo e nos deparamos, frente a frente com uma vida esvaziada de si, que se encontrava em autonegação por não suportar seu autossofrer originário. Percorremos o mundo da técnica, do niilismo, da barbárie e da simulação, desesperados por encontrar o ponto de partida onde o fio do sentido rompeu-se e a realidade escorreu como areia, rumo ao “deserto do próprio real”. (Re)encontramos a Vida em nossa caminhada habitando os confins do reino do invisível, e manifestando-se de maneira degradada e degradante. Situamos, por fim, o sentido novamente na Vida e com isso, preservamos a Ideia de Sentido, que se mostrou mais uma afetividade do que uma Ideia propriamente dita, afinal, o Sentido parte da Vida, sendo assim, é uma Verdade da Vida, e a Verdade da Vida não se representa, se autoafeta em uma subjetividade radical.

¹⁷⁰ SATER; TEIXEIRA, 2018.

¹⁷¹ Ibidem.

Mas o que o poeta nos fala, ao final, quando inserimos suas palavras, que se manifestam na Vida originária? Ora, ele nos lembra da Vida, nos mostra que “assim os dias passarão”, que estamos situados nesta temporalidade que caminha na angústia imanente do fim, mas que se vê em possibilidades de renovar-se “outras perguntas, prováveis canções”, pois a Vida é essa constatação de um eterno fruir de si para si “outro mundo, outra gente, outras dimensões”, que se registra “contando a história assim como foi”, mas uma História que parte da Vida, que é História viva, de sujeitos vivos que estão lutando para existir dia após dia.

Ele lembra-nos da natureza da Vida, “como se fosse um rio correndo pro mar, como se fossem pedras no rio a rolar”, pois é patética, é *pathos*, não se doma a nenhum poder do frágil Ego. E passa “no rádio a notícia, um amigo se foi”, mas não sai de si enquanto mistério profundo gerado no Verbo “atrás dos mistérios que sempre buscou”, portanto, lembra-se em busca, uma busca de si, pois não se dá a ver.

E aceita-se: “assim os dias passarão (...) e na hora marcada, em algum lugar, uma estrela virá pra lhe acompanhar”. Amar a Vida profundamente é reconhecer e aceitar todas as suas tonalidades afetivas, é amar aos fatos, sem contudo colocar-se em uma posição conformista com eles, mas na posição de quem, apesar deles, mesmo com eles, não desiste nunca de si no seu autoafetar patético na Carne.

Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas. *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!¹⁷²

Amor fati, sim, Sim à Vida!

¹⁷² NIETZSCHE, 2012, p. 166.

CONCLUSÃO OU, SOBRE A INUTILIDADE DESTE TRABALHO.

Abandono aqui, sob os riscos que cabem a este ato, a impessoalidade deste trabalho. Encerro meu pacto com a neutralidade a-Vida que permeia o agir e pensar das ciências e do conhecimento, reservo-me no direito, mediante este manifesto, de preencher as páginas finais desta dissertação com a Vida, com a Carne e com o sangue que corre por minhas veias e tomam-me pelo mais profundo desejo de recusa a tudo o que nega a Vida, que a objetifica, que a faz mera conformidade com as gaiolas que a aprisionam.

Uma Vida que pulsa, através dos dedos que tocam o teclado, foi a responsável pelas palavras que antecedem esta conclusão, uma profunda revolta, de uma Carne tomada pela angústia frente ao Mundo que lhe apresentaram, foi a responsável por buscar, com os olhos que se emocionaram, com as mãos que viraram as páginas, com os ouvidos que buscavam na música a inspiração necessária para tornar estas páginas reais, esperar pelo sentido. Todo esse trabalho foi escrito por um impulso da Vida, nada além disso, nada mais do que isso.

Ao fim da jornada que percorri por quase dois anos inteiros, chego à conclusão inevitável da inutilidade de todo o trabalho até aqui empenhado. Sim, esse texto foi inútil, ao menos sobre uma ótica de filosofia e ciência. Quem, por algum motivo, percorrer as palavras aqui depositadas, com olhos curiosos em busca de um saber, só o encontrará se estiver completamente disposto a abrir mão dessa busca. Não há técnica aqui desenvolvida, não há afirmações objetivas que se pretendam úteis, nada de resultados racionais, muito pelo contrário.

Contudo, se os olhos que aqui percorrem estiverem, tal qual eu estava ao iniciar a escrita, em profundo estado de angústia e ansiedade frente a uma realidade que, cada vez mais se faz asfixiante, que nega por todos os lados a possibilidade de olhar para além, de admirar a beleza do Mundo, de sentir-se tocado por esse Mundo, que entoia em coro: é assim mesmo, a realidade é cruel, o Mundo é cruel e sem sentido. Bem, para esses, o trabalho não será inútil, pois as razões de sua busca não estão na conformidade com a indiferença.

Que, aqui, fique claro, não estou apontando para nenhuma espécie de iluminação, epifania ou elevação por parte destas palavras, muito menos quero

indicar uma pretensa “descoberta da roda”, mas, sim, uma posição de colocar-se pateticamente perante a Vida. De olhar para o horizonte diante dos meus olhos e afirmar: Há um sentido nisto! Existe uma beleza aqui onde ela é negada, não pode, nosso destino enquanto humanidade, ser o destino do niilismo cínico.

Ilusão metafísica? Ingenuidade religiosa? Romantismo vazio? Ora, alegar tais coisas configura-se justamente em uma atitude de negação da Vida, é justamente neste ponto que pretendi atacar. Poderíamos ter chegado no ponto patético de acreditar, em nossa insignificância cósmica, que os anseios por sentido de uma Vida pulsante configuram-se em meros romantismos tolos? Realmente nos colocamos no lugar prepotente de pseudo absolutização da realidade, a ponto de acreditarmos, pateticamente, que tudo está explicado, que a realidade é esse amontoado de átomos sem qualquer sentido, a não ser a aparência de uma realidade simulada para nossa própria ilusão?

Perdemos a capacidade de olhar para o outro e perceber um rosto, um outro olhar, um sofrer, um alegrar-se, um doar-se? Abrir os olhos todas as manhãs e respirar o ar que preenche nossos pulmões e nos preparam para mais um dia tornou-se uma atitude tão banal? Sentir o coração acelerar e conectar-se em profunda simbiose com a pessoa amada, Carne com Carne, tornou-se mera forma de autossatisfação vazia? Esquecemos realmente o que é um sorriso pleno de felicidade, ou lágrimas de profundo sofrer correndo por nossa pele? Nada mais significam as rugas e cicatrizes adquiridas ao longo de uma Vida, que deveriam ser, cada uma delas, símbolos de um autofruir da Vida na Carne? Nossa linguagem realmente reduziu-se a símbolos literais, sem nuances, sem metáforas, sem poesia?

A tese defendida aqui, é de que nada disso cessou, nada disso pode cessar, pois são manifestações da Vida, na Vida e para a Vida. Defendi, com base nas leituras e pesquisas aqui realizadas, sentindo cada tecla do computador na ponta de meus dedos, que a Vida não se deixa para trás, ela tenta, justamente por querer negar seu autossufrer, mas não consegue e, por isso, retorna como uma forma degradada e degradante, mas retorna.

É preciso perceber esse eterno retornar da Vida em autonegação, para que possamos assumir uma forma realmente plena de Vida, contudo, esse autorretornar não se percebe fora da Vida, sem assumir a Vida perante a angústia da Vida. O

Verbo se fez Carne, pois fora da Carne, não era Vida. A Carne no Verbo furou, rasgou, sangrou, sofreu e padeceu para novamente se fazer Vida. Vida plena, Vida que transborda, Vida que se doa em graça, em salvação da Vida.

O caminho do sentido não está perdido, o niilismo não é a única saída para o desespero do não-sentido, mas, sim, o assumir plenamente esse sentido lá, onde insistimos em negá-lo, na Vida, mas na Vida plena que se autoafeta o tempo todo em tonalidades afetivas manifestas no desejo, no amor, na alegria, e também, na dor, no sofrer, no padecer. Qualquer caminho que, na busca desesperada de autonegação, ignore a Carne, ignora, por isso, a Vida. Buscar o sentido fora do autofruir, autossentir, autossofrer originários, iludidos com uma fria racionalidade transcendental e objetiva, é fornecer todos os caminhos para a barbárie da autonegação da Vida. Longe de aplacar a angústia, buscamos neutralizá-la em indiferença, caindo na armadilha de seu retorno deformado.

Há saída para o sentido? Questionei no início deste trabalho.

Sim, há saída para retomarmos a ideia de sentido, e a saída é depositá-lo na Vida, não negar a Vida, mas assumi-la em sua plenitude. O deserto do real não significa o Nada, o niilismo, o vazio. Ele significa a imensidão das areias que ocultam os mais profundos e desconhecidos mistérios, imenso e aparentemente vazio, mas tomado de enigma, de uma força que nos anula em nossa pretensão de se fazer maior que a Vida.

Das cinzas do niilismo, no deserto da simulação, eis que se levanta, como uma fênix, ardendo em fumegantes chamas, a Vida como o ponto mais originário, fundadora e depositária de todo o sentido. Referente absoluto, não passível de ser simulada, pois é *pathos* e jamais representação. Não se deixa pensar, se autorrevela em uma doação patética na Carne. Vida, que não pertence ao Mundo, que não se reduz ao logos e que, em sua condição imanente é afetividade, um contínuo que resiste e abre-se ao infinito.

*“There is no more hope for meaning”*¹⁷³... assim iniciei, porém, concluo de forma diferente: Não há mais esperanças para o sentido fora da Vida.

¹⁷³ “Não há mais esperança para o sentido”

REFERÊNCIAS.

ARISTÓTELES. **Metafísica**. 2ª edição. – São Paulo: EDIPRO, 2014.

BAUDRILLARD, Jean. **América**. – London: Verso, 1988.

BAUDRILLARD. 2012, "**Matrix**" revisitado: por que Jean Baudrillard não gostou do filme?. In. FERREIRA, Wilson. Revista Fórum, 2012. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/blogs/cinegnose/2012/8/30/matrix-revisitado-por-que-jean-baudrillard-no-gostou-do-filme-29944.html>>. Acessado em 21/12/2022.

BAUDRILLARD, Jean. **A troca simbólica e a morte**. – São Paulo: Edições Loyola, 1996.

BAUDRILLARD, Jean. **O sistema de objetos**. – São Paulo: Perspectiva, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **Power Inferno: Réquiem para as Twin Towers, Hipóteses sobre o terrorismo, A vilência global, A máscara da guerra**. – Porto Alegre: Sulina, 2007.

BAUDRILLARD, Jean. **Telemorfose**. – Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulações**. – São Paulo: Relógio d'água, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacra and Simulation**. – Michigan: The University of Michigan Press, 1994.

BERARDI, Franco. **Asfixia: Capitalismo financeiro e a insurreição da linguagem**. – São Paulo: Ubu Editora, 2020.

BERARDI, Franco. **Depois do futuro**. – São Paulo: Ubu Editora, 2019.

BERARDI, Franco "Bifo". **Fenomenología del fin: Sensibilidad y mutación cognitiva**. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Caja negra, 2020b.

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**: Nova edição revista e ampliada. – São Paulo: Pulus, 2002.

CERBONE, David R. **Fenomenologia**. 3ª edição. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2019.

FABRI, Marcelo. **A motivação ética da fenomenologia husserliana.** In. TOURINHO. Carlos Diogenes C. T.(Org.). **Origens e caminhos da fenomenologia.** – Rio de Janeiro: Booklink, 2014.

FABRI, Marcelo; Grzibowski, Silvestre. **Introdução à fenomenologia do invisível** (O amor, o desejo, a vida). – Curitiba: CRV, 2022.

GHIRALDELLI, Paulo. **Narrativas contemporâneas:** Debord, Sloterdijk, Agamben, Han, Lasch, Lipovetsky e Heidegger. – São Paulo: CEFA Editorial, 2020.

GHIRALDELLI, Paulo. **República brasileira:** de Deodoro a Bolsonaro. 2ª edição. – São Paulo: CEFA Editorial, 2021.

GHIRALDELLI, Paulo. **Semiocapitalismo:** a era da desreferencialização. 2ª edição. – São Paulo: CEFA Editorial, 2022.

GRACE, Slick. White Rabbit. In. Jefferson Airplane, **Surrealistic Pillow.** RCA Victor, 1967. Todos os direitos reservados.

GUEDES, Beto; RIBEIRO, Ronaldo Bastos. Amor de Índio, In. Beto Guedes, **Amor de índio.** EMI, 1978. Todos os direitos reservados.

HAN, Byung- Chul. **No enxame:** perspectivas do digital. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HENRY, Michel. **A barbárie.** – São Paulo: É realizações, 2012.

HENRY, Michel. **Encarnação:** Uma filosofia da carne. – São Paulo: É realizações, 2013.

HENRY, Michel. **Eu sou a Verdade:** Por uma filosofia do cristianismo. – São Paulo: É realizações, 2015.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia:** Cinco lições. –Petrópolis, Editora Vozes, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Europa:** Crise e renovação: artigos para a revista Kaizo – a crise na humanidade europeia e a filosofia. 1ª edição. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

HUSSERL, Edmund. **Meditações cartesianas**: uma introdução à fenomenologia. – São Paulo: Edipro, 2019.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Prática**. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 4ª edição. – Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2015.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª edição. – São Paulo: Atlas, 2003.

MADONNA. American Life, **In. Madonna, American Life**. Warner Bros Music, 2003. Todos os direitos reservados.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro III: o processo global de produção capitalista. 1ª edição. – São Paulo: Boitempo, 2017.

MATRIX: resurrections. Direção: Lana Wachowski. Produção Lana Wachowkky; James McTeigue; Grant Hill; Village Roadshow Pictures; Warner Bros. Picture; Venus Castina Productions. Warner Bros. Estados Unidos: Warner Bros, 2021. DVD.

MONTEIRO, Ivan Luiz. **História da filosofia contemporânea**. – Curitiba: Intersaberes, 2015.

MOTTA, Guilherme Carpes. **A atitude fenomenológica e o despertar do sentido ético**: A responsabilidade diante do reencontro com o mundo da vida. VERUM: Revista de Iniciação Científica, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 02–12, 2023. Disponível em: <https://ceeinter.com.br/ojs3/index.php/revistadeiniciacaocientifica/article/view/325>. Acesso em: 30 jan. 2023.

MRAZ, Jason; DALY, Michael; NATTER, Michael Lee. 93 Million Miles. **In. Jason Mraz, Love is a four letter word**. Goo-Eyed Music, Wixen Music Publishing, Words & Music A Div Of Big Deal Music LLC, 2012. Todos os direitos reservados.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. 1ª edição. – São Paulo: Companhia das letras, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**: prelúdio de uma filosofia do futuro. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012a.

PLATÃO. **A república**. 2ª edição. – São Paulo: EDIPRO, 2014.

PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas**: didática e metodologia do estudo filosófico. 4ª edição. – São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PITTY; Fracasso, In. PITTY, **Chiaroscuro**. Deck produções artísticas Ltda., 2009.

RÖD, Wolfgang. **O caminho da filosofia**: dos primórdios até o século XX: volume 2: do século XVII ao século XX. – Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

SATER, Almir; TEIXEIRA, Renato. Assim os dias passarão. In. Almir Sater, Renato Teixeira, **+AR**. Universal Music International, 2018. Todos os direitos reservados.

SOARES, Elza; PITTY. Na pele, In. Elza Soares e Pitty, **Na pele**. Deckdisc; Warner chappell, 2017. Todos os direitos reservados.

TOZZI, Umberto, Eva, In. Rádio Táxi, . **Rádio Táxi**. SME, 1983.

VIANA, Marcus. Sob o sol, In. Marcus Viana, **Maktub**: trilhas e temas de "O Clone". Som Livre, 2001. Todos os direitos reservados.

ZAHAVY, Dan. **Fenomenologia para iniciantes**. 1ª edição. – Rio de Janeiro: Via Verita, 2019.